

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA E NUMISMÁTICA

PEDRO PAULO A. FUNARI

Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Núcleo de Estudos Estratégicos
Universidade Estadual de Campinas

CLÁUDIO CARLAN

Doutorando em História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

textos Didáticos

nº 62 – MARÇO de 2007

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Diretor: Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Diretora Associada: Profa. Dra. Nádia Farage

Comissão de Publicações

ISSN: 1676-7055

Coordenação Geral: Profa. Dra. Nádia Farage

Coordenação da Revista Idéias:

Prof. Dr. Márcio B. Naves

Coordenação da Coleção Idéias:

Prof. Dr. Luís Fernando F. R. Ribeiro

Coordenação da Coleção Trajetórias:

Prof. Dr. Álvaro Bianchi

Coordenação das Coleções Seriadadas:

Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques

Coordenação das Coleções Avulsas

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Representantes dos Departamentos: Profa. Dra.–

Guita Grin Debert DA, Prof. Dr. Álvaro Bianchi –

DCP, Prof. Dr. Luís Fernando F. R. Ribeiro – DH,

Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques – DF e

Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves – DS

Representantes dos funcionários do Setor: Maria

Cimélia Garcia, Sebastião Rovaris e Magali Mendes.

Representantes discentes: Fábio Scherer e Eugenio

Braga (pós-graduação) e Renato César Ferreira

Fernandes (graduação)

Textos Didáticos / Universidade Estadual de Campinas.

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. n. 1 (1990) - . -

Campinas: UNICAMP / IFCH, 1990.

132p.

2007 (62)

ISSN 1676-7055

Título da capa: Arqueologia Clássica e Numismática

1. Arqueologia Clássica. 2. Numismática. 3. Constância
4. Império Romano. 5. Moedas. I. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. II. Título.

CDD 185
sfm / IFCH

Catálogo na Fonte - Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas - UNICAMP - CRB nº 08/5124 / Sandra Ferreira Moreira

Setor de Publicações: Maria Cimélia Garcia, Magali Mendes, Maria Lima e Hilda Sigala Pereira.

GRÁFICA: Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcílio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

Endereço para correspondência:

IFCH/UNICAMP - SETOR DE PUBLICAÇÕES - TEXTOS DIDÁTICOS

Caixa Postal: 6110 - CEP: 13083-970 - Campinas - SP

Tel. LIVRARIA (019) 3521.1604 / 1603 - Fax: (019) 32893327

<http://www.ifch.unicamp.br/pub> - pub_ifch@um_unicamp.br

SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED

SUMÁRIO

Apresentação	5
<i>Pedro Paulo A. Funari</i>	
A Arqueologia Clássica e a construção da Antigüidade	7
<i>Pedro Paulo A. Funari</i>	
O acervo de moedas de Constâncio II do Museu Histórico Nacional	13
- O Império Romano tardio e a iconografia monetária	17
- As moedas de Constâncio II no acervo do MHN	35
- Catálogo de moedas de bronze de Constâncio II no Museu Histórico Nacional	59
<i>Cláudio Carlan</i>	

Apresentação

*Pedro Paulo A. Funari*¹

Este volume da coleção Textos Didáticos apresenta duas contribuições inter-relacionadas. O estudo da Antigüidade tem-se, cada vez mais, utilizado das contribuições da Arqueologia. Esta obra apresenta uma discussão inicial sobre a significação da cultura material para o conhecimento do mundo antigo, que, por seu caráter introdutório e epistemológico, a um só tempo, visa a atingir tanto o público dos estudiosos e especialistas como os interessados em geral. Serve, portanto, para que os alunos de História, Filosofia, Ciências Sociais, Letras, Arquitetura, possam ter um contato com as questões centrais referentes à significação da Arqueologia do mundo antigo. Como ressaltou, recentemente, o egiptólogo britânico, Ian Shaw², no estudo do Egito Antigo, como em outras civilizações históricas, “a palavra escrita, com todo o seu potencial de subjetividade e persuasão, tem a tendência, paradoxal, de obscurecer e, às vezes, até mesmo eclipsar, a evidência arqueológica”. Mais do que isso, como já constatava Geza Alföldy, há mais de vinte anos, não se pode mais prescindir da Ar-

¹ Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas, Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UNICAMP), pesquisador associado da Illinois State University e Universidad de Barcelona, líder de Grupo de Pesquisa, sediado no NEE/UNICAMP e cadastrado no CNPq.

² Ian Shaw, *Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 2004, pp. 79-80.

queologia, para o conhecimento da Antigüidade³. Nesse capítulo inicial, menciona-se a importância do estudo de coleções arqueológicas, da publicação de catálogos e de análises desses acervos documentais. O segundo capítulo, a cargo de Cláudio Carlan, apresenta, de forma didática, os procedimentos referentes ao estudo de um acervo arqueológico clássico, custodiado no Brasil. Numismata, Carlan voltou-se para o acervo do Museu Histórico Nacional, em particular, referente às moedas do imperador romano Constâncio II. Desta forma, de maneira articulada, o leitor terá uma introdução epistemológica e uma aplicação prática.

³ Geza Alföldy, *Die römische Gesellschaft*. Stuttgart, Steiner, 1986.

A Arqueologia Clássica e a construção da Antigüidade

Pedro Paulo A. Funari¹

Neste capítulo, procuro fazer um balanço sobre a disciplina Arqueologia Clássica e seus avatares. A Arqueologia Clássica é um campo de pesquisa cujas origens estão no Renascimento. A coleta de obras de arte gregas e romanas iniciou-se na Itália, desde o início da era moderna, mas seria a descoberta das ruínas antigas de Pompéia e Herculano, no século XVIII, a dar a partida do moderno antiquariado. Por séculos, a coleta de obras artísticas fora considerada uma atividade privada, financiada pela nobreza, nos quadros do antigo regime. O novo antiquariado resultou do desenterramento das cidades do Vesúvio e introduziu a preocupação com o menos impressionante, com temas menos dependentes do alto estilo, como no caso dos artefatos de uso cotidiano. Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) é considerado o fundador da Arqueologia Clássica como parte da História da Arte e a face germânica da disciplina está ainda conosco e sua ênfase no detalhe e na exaustividade é o resultado desse legado.

O Antiquariado iria ligar-se a uma nova tendência, no ocaso do século XVIII. A Revolução Francesa e a difusão do Iluminismo por toda a Europa deu origem a uma nova ciência, a Filologia, o estudo científico da

¹ Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas, Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UNICAMP), pesquisador associado da Illinois State University e Universidad de Barcelona, líder de Grupo de Pesquisa, sediado no NEE/UNICAMP e cadastrado no CNPq.

língua, que está na base do desenvolvimento ulterior da História, o estudo do passado pela compreensão dos documentos escritos. Os primeiros teóricos da Filologia buscavam restabelecer a língua Indo-Européia e a primazia das línguas grega e latina para o mundo ocidental, rotulando-as como línguas de primeira classe e, por isso, clássicas. Desde o século XVII, o termo “clássico” era usado para tratar das antigüidades gregas e romanas, mas a Filologia iria usar o termo para se referir ao mundo greco-romano, em oposição à Antigüidade Egípcia e Mesopotâmica, que começavam, pela primeira vez, a serem estudadas por meio da consulta dos documentos escritos e dos monumentos. Os estudos clássicos como um campo acadêmico logo passou a incluir as disciplinas nucleares, grego e latim, mas também a História e a Arqueologia do “mundo clássico”.

A Arqueologia Clássica como uma atividade acadêmica derivou da Filologia e era, normalmente, praticada em instituições devotadas aos Estudos Clássicos. Em muitos lugares, a Arqueologia e a História da Arte foram consideradas como temas gêmeos, já que o estudo dos restos materiais do mundo antigo concentrou-se, em primeiro lugar, na grande arquitetura, escultura e pintura. A Arqueologia Clássica liga-se, de forma direta, às ambições imperiais de britânicos, franceses, alemães e norte-americanos e, como conseqüência, fundaram-se importantes instituições arqueológicas em Atenas e Roma, como a *British School*, a *École Française* e o *Deutsches Archäologisches Institut* e a *American Academy*, seguidas por escolas arqueológicas em diversos outros sítios clássicos. Desta forma, a Arqueologia Clássica ligava-se, de maneira direta, ao imperialismo.

Tem havido muitos debates sobre as definições e aplicações do termo “Arqueologia Clássica”. Em muitas instituições, em particular por influência da definição original alemã, ela está ligada à História da Arte, como no caso dos países de língua alemã, na Itália e em diversas instituições alhures, como nos Estados Unidos. Quase em toda parte, está ligada ao estudo das línguas grega e latina, mas, mais recentemente, tem sido estudada também em instituições arqueológicas sem relação com as línguas, como no caso da Grã-Bretanha. Outro ponto de controvérsia refere-se às civilizações estudadas, pois, às vezes, incluem áreas consideradas importantes para o legado ocidental, como o Egito, o Oriente Próximo e o Egeu. Outra disputa refere-se às suas fronteiras cronológicas, pois mesmo

a maioria que considera que ela trata das civilizações grega e romana está dividida sobre seu início e término. Em geral, a Grécia inclui a Grécia pré-helênica até a conquista romana no segundo século a.C. e Roma começa com os sítios proto-históricos itálicos e vai até os Antoninos, no século II d.C., ou até muito mais tarde, com o assentamento de grande número de germanos, no século V d.C. Por fim, a área geográfica varia de acordo com a dispersão de vestígios greco-romanos, com seu centro no Mediterrâneo, mas atingindo ao norte a Escócia, por breve tempo ocupada pelos romanos no século II d.C., ao sul a Arábia e o norte da África, a leste a Turquia e o Oriente Médio e a oeste Portugal e o País de Gales.

O termo “clássico” é particularmente ambíguo, pois pode referir-se a um período específico, o acme da civilização, como a Grécia (século V a.C.) ou Roma (final da República e início do Principado) “clássicas”. No interior da Arqueologia, usa-se para designar o zênite de diferentes civilizações, como no caso do maia “clássico”. O termo é ainda utilizado por diversas disciplinas, como em música “clássica” (i.e. estilo de fins do século XVIII).

A Arqueologia Clássica, como o estudo arqueológico da Grécia e de Roma, funda-se na Filologia e o seu núcleo é filológico. A própria definição da área é baseada em documentos escritos em grego ou latim e, em geral, o arqueólogo clássico deve também aprender essas línguas e, em seguida, especializar-se em uma dessas línguas e áreas culturais. Os arqueólogos clássicos herdaram a dicotomia grego/latim e são helenistas *ou* romanistas, com uma especialização em um dos dois campos muito precoce. Subjacentes a essas características, encontra-se o pressuposto que os arqueólogos estudam duas civilizações diferentes, um conceito de origem germânica para se referir a uma ambígua mistura de costumes, *ethos* e outros aspectos subjetivos de uma identidade comum. Como a disciplina desenvolveu-se como um efeito colateral do estado nacional, ela interpretou os mundos grego e romano como entidades homogêneas, como seriam as nações modernas. Na mesma linha de raciocínio, como os estados modernos consideravam que estavam espalhando uma cultura ocidental superior para povos coloniais inferiores, ávidos por adotar uma cultura mais desenvolvida, os classicistas cunharam os termos “helenização” e “romanização” para se

referirem à suposta adoção de traços culturais superiores helênicos e romanos, como no caso da cultura material.

Outra característica associada à Arqueologia Clássica e às raízes filológicas é a importância da evidência escrita, estudadas por arqueólogos especialistas em epigrafia e paleografia. A publicação de inscrições, desde meados do século XIX, tem sido uma importante tarefa dos arqueólogos clássicos. O *Corpus Vasorum Antiquorum* e o *Lexicon Iconographicon Mythologiae Classicae* são dois exemplos notáveis do modelo filológico na publicação da iconografia. A Arqueologia Clássica desenvolveu uma ampla gama de especialidades, da Numismática ao estudo das ânforas, todas caracterizadas pela publicação de *corpora* de artefatos, em geral no estilo germânico de amplidão e exaustão de referências.

Os estudos tipológicos também têm caracterizado a área, sempre a partir de modelos filológicos. Isto é claro no estudo dos vasos pintados gregos e da pintura parietal romana. Em ambos os casos, os estilos são definidos segundo analogias lingüísticas e o método tipológico usado em toda a disciplina para estudar diferentes categorias de artefatos funda-se na Filologia, em particular na sua interpretação do inteiro ciclo de existência de uma língua e de uma categoria material. Na tradição da Filologia Histórica, as línguas são consideradas como um ser vivo, seguindo o ciclo biológico, do nascimento, adolescência, maturidade, decadência e desaparecimento. Este esquema é aplicado à cultura material, com os artefatos seguindo um ciclo de vida.

A Arqueologia Clássica também tem se dividido entre as técnicas usadas no Mediterrâneo e nos países do norte da Europa. No Mediterrâneo, há uma longa tradição de desenterramento de estruturas arquitetônicas e isso resultou tanto da despreocupação com os pequenos achados como do esplendor dos vestígios às margens do Mediterrâneo. Mesmo que alguns arqueólogos tenham introduzido escavações estratigráficas, como foi o caso de Nino Lamboglia antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, na Itália, a difusão dessas técnicas deveu-se a influências vindas do norte. Mortimer Wheeler e depois Paul Courbin foram os responsáveis pela adoção de metodologias de campo estritas na Arqueologia Clássica. Sir Mortimer criou uma estratégia de campo, inspirada na organização militar, e levou a uma revolução nas práticas de escavação pois, pela primeira vez,

passou-se a estar atento à evidência contextual. Além disso, depois da guerra, crescentemente a Arqueologia Clássica tem se preocupado com o estudo dos artefatos comuns, de humildes ânforas e tijolos a quinquilharias de bronze. Em países mediterrâneos, o estudo dos artefatos comuns é conhecido pela expressão latina *instrumentum domesticum*. A disciplina tem sido caracterizada, ainda, por uma enorme multiplicação de campos de especialização.

Nas últimas décadas uma série de questões tem rondado a Arqueologia Clássica. Tem havido uma crescente crítica à relevância do estudo do mundo antigo em geral. O latim e o grego eram ensinados nas escolas de elite e o mundo clássico era idealizado pelas potências imperialistas. Entretanto, os estudos clássicos foram deixados de lado pela sociedade, os Impérios coloniais feneceram e a Arqueologia Clássica tem sido desafiada pelos arqueólogos de outras áreas por ser muito conservadora deslocada da ciência moderna. A Arqueologia Clássica tardou a responder a tais contestações no interior da academia mas está, de forma crescente, reavaliando seu papel social. Ela praticamente ignorou as discussões levantadas pela Arqueologia Processual dos anos 1960 (*New Archaeology*), mas, hoje, interage mais com as tendências pós-processuais, com destaque para as características filosóficas e discursivas das teorias pós-modernas que se fundam em raízes clássicas comuns. Não é casual que alguns dos mais ativos arqueólogos teóricos hoje sejam arqueólogos clássicos.

As perspectivas da disciplina dependem de sua capacidade de interagir com as novas realidades. Muitas vias estão abertas, em particular a cooperação com arqueólogos que estudam outras civilizações e períodos, uma tendência presente no mundo anglo-saxão. O desenvolvimento das áreas específicas tradicionais continuará, como nas ciências em geral, mas sua relevância será cada vez mais avaliada por sua habilidade de dirigir-se a um público acadêmico mais amplo. A Arqueologia Clássica possui uma longa e rica tradição e seu futuro liga-se ao desafio de manter seu legado e, ao mesmo tempo, interagir com as discussões epistemológicas contemporâneas.

Agradecimentos

Este capítulo remonta a mesa-redonda, em reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, SBEC, em Ouro Preto, em 2001, com a participação de José Antônio Dabdab Trabulsi e Norberto Luiz Guarinello, assim como reproduz as idéias apresentadas no verbete *Classical Archaeology*, publicado em *Encyclopaedia of Historical Archaeology*, edited by Charles E. Orser, Jr., consultant editors Anders Andrén, J. Barto Arnold III, Mary C. Beaudry, James A. Delle, Pedro Paulo A Funari, David R.M. Gaimster, Susan Lawrence. London and New York, Routledge, 2002. ISBN 0 415 21544 7, pp. 108-111. Agradeço aos seguintes colegas: Martin Bernal, Richard Hingley, Charles E. Orser, Jr., Clain Schnapp e Michael Shanks. A responsabilidade pelas idéias restringe-se ao autor.

Leituras indicadas

- Allison, P. M. (1995) 'House contents in Pompeii: data collection and interpretive procedures for a reappraisal of Roman domestic life and site formation processes', *Journal of European Archaeology* 3: 145-176.
- Bernal, M. (1987) *Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, New Brunswick: Rutgers.
- Fotiadis, M. (1993) 'Regions of the imagination: archaeologists, local people, and the archaeological record in fieldwork, Greece', *Journal of European Archaeology* 1: 151-168.
- Hingley, R. (2000) *Roman Officers and English Gentlemen, The Imperial Origins of Roman Archaeology*, Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Schnapp, A. (1993) *La Conquête du Passé: Aux Origines de l'Archéologie*, Paris: Étidions Carré.
- Shanks, M. (1997) *The Classical Archaeology of Greece, Experiences of the Discipline*, London: Routledge.

O acervo de moedas de Constâncio II do Museu Histórico Nacional

*Cláudio Carlan*¹

Apresentação

O corpus documental abordado neste capítulo faz parte do acervo existente no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (MHN / RJ), considerado o maior da América Latina, com mais de 100 mil peças das mais variadas procedências. Destas, 1888, das 30 mil moedas romanas, pertencem ao século IV d.C., representando todos os imperadores do período. Aproximadamente 259 foram cunhadas a mando de Constâncio II. Isto é determinado pelo fato de possuírem a sua efígie, ou por mostrarem eventos importantes ocorridos durante o seu governo. Isto tanto em suas nomeações como “César” (NOB C), entre os anos de 324 a 337, quanto nas de “Augusto” (AVG), 337 a 361. Trata-se, a nosso ver, de um grupo de moedas bastante representativo do período e dos seus respectivos centros emissores, espalhados pelo mundo romano.

Grande parte dessa coleção é composta por moedas de bronze, naturalmente mais gastas, devido à sua maior circulação nas camadas mais populares do Império, que as de prata ou de ouro. E, artisticamente falando, de categoria inferior, estão determinadas por fatores históricos precisos e definidos; o seu estudo pode vir a elucidar traços fundamentais do momento histórico em que essas peças se difundem.

¹ Bacharel em História, Mestre em História, pela UFF, doutorando em História pela UNICAMP, bolsista da CAPES.

As moedas são guardadas em uma espécie de “estante”, denominada pelo corpo técnico de *medalheiro*, em cujo interior acham-se várias “gavetas”, conhecidas como *lâminas*. No caso de Constâncio, o medalheiro no qual se encontram tais documentos é o de número 8, e as lâminas são respectivamente as de números 26, 27, 28 e 29. Seria bom ressaltar que a Seção de Numismática, localizada na reserva técnica do museu, é acessível apenas a pesquisadores e aos próprios funcionários.

De início, pensávamos organizar este capítulo em torno de uma análise – talvez semiótica – das imagens contidas nas moedas de Constâncio II presentes no MHN. Entretanto, não estando tais moedas classificadas, foi necessário previamente, de acordo com instruções das numismatas Rejane Maria Lobo Vieira e Maria Beatriz Borba Florenzano, elaborar um catálogo detalhado de todo o acervo abordado.

Tal catálogo, aliás, segundo as mencionadas especialistas, justificaria amplamente esta monografia, por sua evidente pertinência no guardo dos estudos da Antigüidade Clássica. A feitura do catálogo, com fotografia, por nós levada a cabo, das 259 peças, o que implica o dobro quanto ao número de fotos, pois cada moeda tem dois lados, a inversão de tais fotos em fichas complexas contendo também descrição e bibliografia, ocupou-nos durante uma proporção de tempo de preparação deste texto desproporcionalmente grande em relação as que fora pensado de início. Assim sendo, o catálogo de certo modo passou para o primeiro plano e as ambições da parte analítica deste capítulo foram reduzidas.

A utilização das moedas como fonte não é novidade. Não pretendemos aqui explorar todos aqueles que trilharam esse caminho, mas citaremos alguns autores que trabalharam com tal documentação. Quanto a nós, estudaremos a propaganda política representada pela iconografia, através de uma análise simples de conteúdo, tratando de analisar as conotações tanto históricas quanto estéticas.

Com identificação prévia da documentação disponível e na catalogação, estabelecemos um *corpus* documental ao qual foi aplicado o mencionado método. Para isso, seguimos a categorização conhecida como “esquema de Lasswell”, pioneiro, desde 1927, das análises de conteúdo aplicadas à política e à propaganda. Relacionamos o *corpus* com: a natureza do emissor; a quem se destinam tais representações; e o seu significado.

Dividimos essa análise em quatro etapas:

- Primeira etapa da análise de conteúdo: análise prévia da documentação disponível e estabelecimento de um *corpus* documental ao qual será aplicado aquele método.
- Segunda etapa da análise de conteúdo: a categorização.
- Terceira etapa da análise do conteúdo: codificação e cômputo das unidades.
- Quarta etapa da análise de conteúdo: a interpretação dos resultados.

Realizamos uma comparação significativa entre as diferentes imagens contidas no reverso de cada moeda, fazendo uma primeira leitura ou decodificação dos símbolos existentes, nas fichas do catálogo. Assim, foi possível encontrar e identificar determinados elementos que representavam a ideologia política, militar ou religiosa da época.

Em tais representações, política e estética estavam intimamente ligadas em Roma. As moedas associavam-se tanto à propaganda ideológica quanto à política. As peças não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação de documentos que chegaram até nós sem seu contexto original, como têm grande valia, em si mesmas, por meio de nossa compreensão desses “retratos” de uma realidade antiga. Com frequência, o tipo monetário de reverso mostra determinada reprodução artística. Ainda que o seu significado, em alguns casos indicado pela legenda que a acompanha, ou pelo tipo do anverso, possa aparecer com uma interpretação original em relação ao modelo, muitas vezes tipos monetários e modelo têm o mesmo sentido. Por isso, os dois lados de uma moeda devem sempre ser observados com muita atenção, o que procuramos fazer aqui com as de Constâncio II, agrupando-a de modo a iluminar a complexidade do tema.

A princípio gostaríamos de mencionar que o nosso trabalho, segundo informações da profa. dra. Maria Beatriz Borba Florenzano, é inédito no meio acadêmico nacional e, provavelmente, internacional, pois as pesquisas realizadas sobre a Numismática do século IV geralmente são concentradas na figura de Constantino e, esporadicamente, nas de alguns membros de sua família. Podemos citar, a respeito, a obra realizada por Jules Maurice, no início do século XX, *Numismatique Constantinienne*, e

a coletânea de Patrick Bruun *Studies in Constantinian Numismatics*, publicada entre os anos de 1958 e 1988. Mas nenhuma delas deteve-se exclusivamente em um de seus filhos, no caso Constâncio II, que continuou a política paterna.

Na elaboração do catálogo de moedas, constam todas as de Constâncio II existentes na coleção do Museu Histórico Nacional. Para isso, resolvemos enumerar as fichas por tipos monetários, levando em consideração também os subtipos, grandes ou pequenas variações iconográficas contidas no reverso das peças. Criamos uma numeração própria, pois o número de ordem do MHN não está organizado por tipos ou subtipos. Mesmo assim, acrescentamos a numeração do Museu junto com as observações sobre o acervo. Para a confecção dos fichários-imagens, utilizamos um modelo idealizado pelo prof. dr. Ciro Flamarion, aperfeiçoando-o para as peças segundo indicações da profa dra Maria Beatriz Florenzano e da museóloga Rejane Vieira.

O Império Romano tardio e a iconografia monetária

1.1- Elementos da História Militar

Sucedendo a um longo período de crise e anarquia militar, tais imperadores procuraram realizar as mais variadas reformas políticas, econômicas, sociais e até mesmo religiosas. A energia dos governantes ilírios livrou o império da invasão e da revolução anárquica. O mais dotado para a administração, Diocleciano, estendeu e retomou essas medidas durante pelo menos uma dezena de anos, antes de sistematizar uma obra que foi, ainda, completada por Constantino. Os perigos externos, tanto dos povos “bárbaros” como dos persas sassânidas, era uma das principais preocupações dessa época.

As tropas romanas atravessaram o Reno e o Danúbio, ao longo de cujos cursos se reconstruiria uma sólida defesa. Tanto que as melhores representações da numária romana sobre as fortificações são, respectivamente, as de Constantino, as das portas de Treves contidas nas moedas de um sólido, e a de seu filho e sucessor, Constâncio II. Da época deste último, há dezessete peças no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, que reproduzem a imagem das portas de Londres.²

A Mesopotâmia é reconquistada e o Império Sassânida é obrigado a ceder territórios além-Tigre. No Oriente, Roma nunca avançara tão longe. Como exemplo, podemos citar os combates travados entre Constâncio II e Sapor II, nos quais o Imperador Romano obteve os mais variados resultados. Tais combates estão representados nas moedas existentes nos lotes de números 26 e 27 do Museu Histórico Nacional, onde aparece a figura de Constâncio, à esquerda de quem observa, de armadura, a cavalo, derrotando um inimigo, que aparece de joelhos, com os braços levantados,

² MARQUES, Mario Gomes. *Introdução à Numismática*. 1a. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, p.133.

como se estivesse suplicando misericórdia. Apesar de a moeda estar um pouco deteriorada pelo tempo, nota-se que a imagem central do imperador romano — que é o centro do poder — sempre aparece maior que a do persa. Através da análise desse pequeno objeto de bronze, cujo diâmetro é de 2,5mm, e o peso, de pouco mais de 4 gramas, podemos destacar também a crescente importância da cavalaria, representada aqui pela personificação de Constâncio.

A riqueza iconográfica dessa fase é muito bem representada nas medalhas e moedas romanas, pois, segundo Nieto Soria, ocorre uma exaltação à pessoa, na figura do monarca, da própria política real.³ Uma espécie de propaganda, de comunicação, de que todos os habitantes do vasto Império Romano tomariam conhecimento, através da visualização das peças, legitimando o poder temporal. Isto também explica as várias cidades, espalhadas por todo o território, onde tal cunhagem era feita.

A experiência vinha provando quão insuficiente era o antigo exército, bem como sua inadaptação às novas condições da guerra agora impostas pelos adversários. Assim sendo, o exército foi aumentado e, ao mesmo tempo, alterada a sua estrutura.

O ideal romano continua sendo o do Estado estabilizado, visando à proteção da totalidade do território. Depois das lutas vencidas pelo então César Juliano, restabelecendo as fronteiras ao longo do Reno e do Danúbio contra os alamanos, começa a ser realizada uma obra sistemática e de suma importância, sobretudo no tempo de Valentiniano I. Sem voltar ao método dos entrincheiramentos contínuos, multiplicam-se, em relação com as estradas e os rios, as torres, os fortins, os castelos e os campos, seguindo uma técnica que o contato com os persas torna mais apurada: padrões orientais são transferidos para o Ocidente. Do mesmo modo, mantêm-se e aperfeiçoam-se as muralhas urbanas: perante os bárbaros, dotados de rudimentares técnicas bélicas de assédio, as cidades constituem redutos quase inexpugnáveis. O próprio equipamento individual começa a sofrer mutações que, segundo Peter Brown, desde o final do século III, já mostram indícios dos aparatos dos futuros cavaleiros medievais⁴.

³ NIETO SORIA, Jose Manuel. *Op. cit.*, p. 17.

⁴ BROWN, Peter. *op. cit.*, p.98.

Os soldados, que desde o governo de Septímio Severo podem contrair matrimônio, recebem terras nas fronteiras para auxiliar em sua defesa: ao ponto de o latim vulgar influenciar, até os dias atuais, algumas dessas regiões. Algumas províncias, como a Trácia, por exemplo, depois da grande leva de invasões, ficaram totalmente isoladas. O princípio da hereditariedade na profissão paterna aplica-se de maneira rigorosa no exército.

Outra questão importante é a chamada “barbarização” do império. Os numerosos cativos e grupos étnicos que pedem asilo são instalados em território romano, a fim de repovoar e recultivar regiões em que a mão de obra é rara. Trata-se dos chamados letos ou gentios, que a administração deve manter sob vigilância, e cujos filhos são agora obrigados, como filhos de soldados, a entrar no exército. Outros gozam do regime de federados e fornecem contingentes organizados à sua maneira, comandados pelos seus chefes. O exército chamado romano deixa de ser notável instrumento de romanização, perdendo assim umas de suas principais características.

Os efetivos da cavalaria aumentam muito, porque a mobilidade torna-se a principal estratégia militar. Como na batalha de Andrinopla, em 378, ganha por uma carga de cavaleiros godos, a qual Ferril afirmou ter sido precursora das táticas medievais⁵.

Durante esse período, os imperadores empenham-se em anular o privilégio de sangue, ou seja, os antigos líderes senatoriais são afastados dos comandos das legiões; o que Constantino consegue durante o seu governo, separando as funções civis das militares. A principal conquista social do século III mantém-se no século IV, isto é, a atribuição dos postos e a própria promoção baseadas apenas no mérito. Essa mudança foi influenciada principalmente pela necessidade de ser mantida a ordem política, pois temia-se que a ambição da classe senatorial incentivasse a tropa contra o governante. Isso leva Constâncio II a nomear apenas um único oficial para o comando da infantaria e da cavalaria, no Oriente, *o magister equitum et peditum per Orientem*⁶.

⁵ FERRIL, Arther. *A Queda do Império Romano*. A explicação militar. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989, p. 53.

⁶ Idem, *Ibidem* - *op. cit.*, p. 59.

Os imperadores continuam sendo aclamados pelas tropas e, no século IV, se não levam seus deveres militares a sério, seu poder é efêmero. Muitas vezes, como nos casos de Juliano e Valentiniano I, devem a proclamação às provas previamente dadas de seu valor militar e não se afastam do exército, participam das expedições e arriscam a vida, no caso de Juliano contra os persas, perdendo-a.

Mas, apesar de o inimigo figadal dos romanos ser Sapor II, o verdadeiro e terrível perigo tem outra proveniência.

No ano de 350, quando Magnêncio é aclamado imperador, Constâncio leva um rei alamanco a atravessar o Reno, numa manobra para despistar as tropas do usurpador, que iria tentar a sorte na Panônia (atual Hungria ocidental) e na Itália. As dificuldades tendem a aumentar quando todo o nordeste da Gália é invadido. Constâncio é obrigado a associar seu primo Galo ao poder, na função de César. Alguns anos mais tarde, Galo seria acusado de traição, e condenado à morte, numa intriga palaciana realizada pelo eunuco Eusébio, que exercia grande influência sobre as decisões do imperador.

Havia também o choque, egoísmo ou até mesmo rivalidade entre os conselheiros, de seu “escritórios” burocráticos, e, às vezes, entre as populações. A ação militar, que pressupõe unidade de comando, estava cindida, retardada ou precipitada, por ignorância ou mesquinharia da parte de homens desejosos de triunfar sozinhos. Valente deu combate aos godos, seguindo o conselho do seu comandante-em-chefe, Sebastiano, diante de Andrinópolis, sem esperar a chegada do outro Augusto, que lhe levava reforços. Condenado pelas circunstâncias do sistema colegial, o Baixo Império sofria os seus inconvenientes.

1.2- Elementos da História Política

Na política interna as crises continuam surgindo depois de um breve período de incerta solução.

Depois de vinte anos de governo, através do efêmero sistema de tetrarquia de Diocleciano, o império recobra a paz sob o cetro de um único senhor: Constantino. Que, apesar de não retornar à antiga forma de go-

verno de que seu pai fez parte, limitou-se, dois anos antes de sua morte, a partilhar o governo dos territórios imperiais em cinco partes: três, as maiores, seriam entregues a seus três filhos; as duas outras, a três de seus sobrinhos. Ou seja: coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império que, desde 333, governava como César em Antióquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia. Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Balcãs e a Ásia Menor. Alguns autores chegaram a afirmar que Constantino teria a intenção de, bem antes de Merovíngios e Carolíngios, levar à aplicação um conceito patrimonial do Estado monárquico. Tal afirmação é discutida por Rémondon que, usando como base o testemunho numismático, afirma que Constantino havia pensado em seu filho mais velho, Constantino II, como herdeiro do império.⁷ Acreditamos que ele pretendia legar uma diferente organização política para aquele que o sucederia como coordenador e administrador. A morte não lhe deu tempo para isso. E se realmente, como afirmou Rémondon, a idéia de Constantino era que o seu filho mais velho fosse o sucessor, por que a parte mais rica do império ficaria com o filho do meio, Constâncio? Não podemos esquecer que Constâncio II foi considerado pela posteridade como o mais eficiente administrador dentre os herdeiros do pai.

A “unicidade” do governo imperial, quebrada durante a tetrarquia de Diocleciano, volta a ser estabelecida nos treze anos de reinado de Constantino. A partir de 353, o poder do soberano encarna-se novamente em uma única pessoa, Constâncio e, depois, em Juliano. Mas, após este período, ocorre uma associação de dois imperadores ao trono. O cristão ortodoxo Valentiniano I, antigo general de Juliano, sucedeu a Joviano, que governou menos de um ano e dividiu a parte oriental do império com o irmão, Valente, seguidor do arianismo.

Teoricamente, o império continuava a ser uno, tratava-se de uma associação e de um sistema colegial, não de uma divisão territorial, embora cada Augusto, auxiliado ou não por um César, ou por outro Augusto

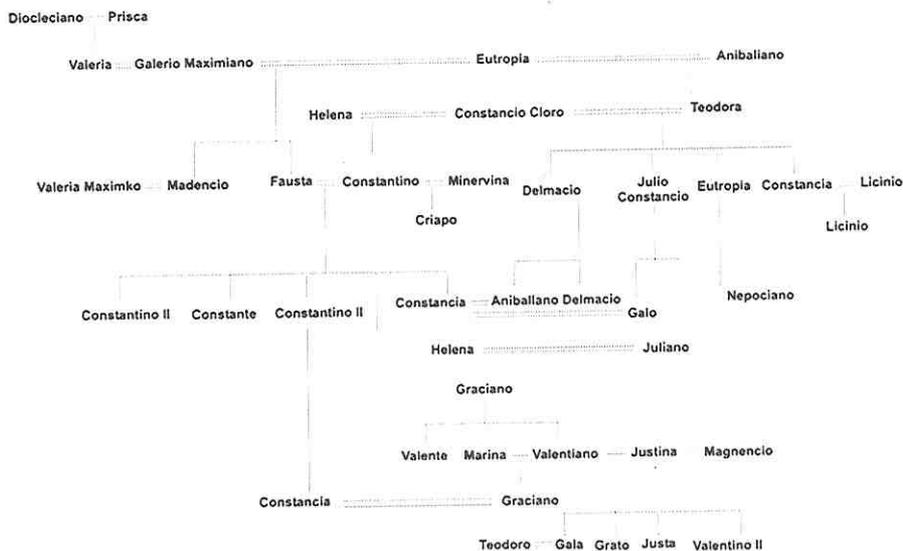
⁷ RÉMONDON, Roger. *Las Crisis del Imperio Romano*. De Marco Aurelio a Anastácio. 2a. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 72.

menos prestigioso, fosse encarregado da administração e da defesa de uma parte. O próprio Diocleciano era considerado como um *Iuono*, filho de Júpiter, enquanto que o outro tetrarca, Maximiano, era um *Herculeo*, ou filho de Hércules.⁸ Rémondon deixa bem claro que, em um sistema criado para estabelecer uma igualdade, existe entretanto uma hierarquização interna, pelo qual um governante possui um grau maior de importância que o seu “co-irmão”. Pois um novo Augusto só era admitido oficialmente no colégio depois da aprovação de seu ou dos seus colegas.

A divisão administrativa do Império Romano em dois blocos, Ocidente e Oriente, contudo, não garantia a coesão, nem inibia a disputa dentro do seio da própria família imperial. Podemos citar como exemplo as muitas suspeitas existentes entre os filhos e sobrinhos de Constantino, que tornaram o governo inviável. Provavelmente, Constâncio, o homem forte do novo regime, instigou o massacre, em Constantinopla, de toda a facção de seus tios e primos, deixando vivos, mas sob sua custódia, somente os seus jovens primos, os irmãos Galo e Juliano.

Outra inspiração ocorrida durante o século IV é o progresso de uma idéia dinástica. Nesse período ocorreram menos desordens do que nos anteriores. Efetivamente após ter conhecido uma dinastia constantiniana e uma valentiniana, o século V conhece uma dinastia teodosiana. Houve também uma tentativa de ligação entre elas, uma espécie de elo familiar, como mostra o esquema a seguir:

⁸ RÉMONDON, Roger - *op. cit.*, p. 45.



Fonte: idem ibidem – op.cit., p. 90

A inovação desse século consistiu em discutir a idéia de uma linha sucessória direta e familiar: Constantino pensou nos seus sobrinhos e Valentiniano I associou-se a seu irmão Valente. A idéia familiar foi suficientemente forte para que, de uma dinastia a outra, procurasse-se criar um laço, através do matrimônio. O gráfico familiar reproduzido acima deixa bem clara esta união. Valentiniano casa o filho, Graciano, então com dezesseis anos, com a neta de Constantino, de treze anos. E Teodósio, por sua vez, desposou a filha de Valentiniano.

Isso não significa que a História dessas dinastias fosse sempre calma. A da família constantiniana, por exemplo, oferecem uma série de tra-

gédias palacianas, chacinas, rivalidades fraternas levadas até a guerra civil. Houve revoltas e usurpações, culminando com o assassinato de imperadores legítimos. Mas, ao contrário dos séculos anteriores, com a exceção de Constantino e Juliano⁹, nenhum desses episódios violentos culminaram no triunfo do usurpador. Foi, sem dúvida, uma ajuda muito grande para Juliano, proclamado imperador por seus soldados em Lutécia, que seu primo Constâncio II morresse de peste antes do choque dos dois exércitos, evitando, assim, o desgaste de uma guerra civil.

Também nos parece ser claro o surgimento de um sentimento de lealdade monárquica, apesar de uma série de transtornos. A melhor prova disso é que, apesar de toda a carência militar e política, os filhos de Teodósio I morreram de morte natural. Paulatinamente, vai-se instalando nas vastas regiões imperiais um respeito à púrpura. Por este motivo, não podemos considerar completamente ineficazes os esforços das dinastias do Baixo Império para regularizar a transmissão de poder.

Além dos problemas militares e políticos, encontramos, num mesmo nível de importância, o religioso.

1.3- Elementos da História Religiosa

Depois da grande perseguição do século III, encerrada no ano de 260, o cristianismo passa a gozar de uma paz externa de aproximadamente quarenta anos, da qual tirou grande proveito.

Essa suposta tranqüilidade vai acabar durante o governo de Diocleciano, que organizaria a última grande perseguição. Uma mudança brusca, acerca da qual a maioria dos historiadores tem sua explicação pessoal. Mas, como não é o nosso objetivo discutir as várias correntes que analisaram este período, ficaremos com a tradição cristã, segundo a qual Diocleciano cedeu às insistências de seu genro e César, Galério.¹⁰

⁹ SILVA, Gilvan Ventura da. Domus Imperial e o Fenômeno das Usurpações no IV Século. In: PHOÏNIX – Laboratório de História Antiga – UFRJ. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

¹⁰ LACTÂNCIO. De Mortibus Persecutorum. Paris: Ed. J. Moreau, 1954, p. 32.

Através dos relatos de Lactâncio, podemos dividir essa perseguição em três etapas: depuração no palácio, no exército e nas funções administrativas; e, finalmente, afastamento de todos os funcionários graduados que se recusavam a praticar o sacrifício aos deuses. Pois a meta da tetrarquia era um retorno aos bons tempos do Principado, a começar pelo culto religioso. Depois vieram os editos. Quatro deles sucederam-se, no decorrer do ano de 303 e no início de 304, cada um assinalando, em relação ao precedente, um agravamento. E, por último, a atribuição aos cristãos do incêndio do palácio imperial de Nicomédia, por ocasião de uma estada na cidade de Diocleciano e Galério. Como acontecera meio século antes, todos os cidadãos do império foram obrigados a realizar os sacrifícios, sob pena de condenações à morte na fogueira.

A tradição cristã considera essa perseguição como mais violenta e cruel do que as anteriores. Dodds, na sua obra Paganos y Cristianos en una Epoca Augustia¹¹, não concorda com esta opinião. Para ele, tanto a brutalidade quanto a duração dependiam muito da região do império a que estivermos nos referindo. Na parte de Constâncio Cloro, Gália e Bretanha, as pessoas foram poupadas e os bens só foram atingidos no mínimo exigido pelo respeito para com a autoridade do Augusto mais importante; ocorreram também casos em que os magistrados obrigavam os cristãos, amarrados a cavalos, a entrarem nos templos e fazerem o juramento, para logo depois libertá-los.¹² No resto do Ocidente a perseguição foi violenta, mas breve, porque Maximiano, o outro Augusto, abdicou em 305, juntamente com Diocleciano, pois existia um acordo entre os tetrarcas de que, após vinte anos de governo, ambos se afastariam de suas funções. Mas, no Oriente irá se prolongar até a vitória de Constantino sobre Licínio, em 324. Entre os anos de 313 a 320, porém, ficou interrompida.

Essas variações da política religiosa foram dirigidas ao mesmo tempo pela paixão e pelo cálculo, que se refletem nas diversas moedas, demonstrando que a atuação do cristianismo era sentida e passava a ser incorporada, durante esse longo período. O lábaro cristão de Constantino

¹¹ DODDS, E. R. Paganos y Cristianos en una Epoca Augustia. Madrid: Cristianidad, 1975, p. 55.

¹² Idem, Ibidem. p.101.

aparece tanto nas moedas de seu filho e sucessor, Constâncio II, como na de outros imperadores, como Joviano e Valentiniano I, acompanhadas da legenda, contida no reverso, FEL TEMP REPARATIO, ou seja, um ressurgimento da grandeza romana através do baluarte cristão (catálogo p. 115).

Notamos também o reaparecimento, muito mais tarde, dessa influência nas moedas cunhadas durante o reinado de dom Manuel I (1469-1521), rei de Portugal. Nas peças aparece o símbolo cristão de Constantino, uma letra X, virada transversalmente e cuja ponta superior era inflectida (presente no *labarum* imperial de Constâncio: P), acompanhado da frase: *IN HOC SIGNO VINCES (POR ESTE SINAL VENCERÁS)*.

É importante ressaltar que os símbolos cristãos surgem nas moedas de Constantino, a partir do ano de 315, e os pagãos desaparecem em 323, reaparecendo novamente durante o governo de Juliano, para desaparecerem novamente após a sua morte. Sob este último, ocorrem algumas mudanças. O touro, símbolo pagão do sacrifício, pronto para ser imolado, substitui o lábaro cristão.

Não é nossa intenção analisar os fatores que fortaleceram a conversão de Constantino, se foi a revelação divina que nos narram os historiadores cristãos, diante da ponte Mílvia, ao norte de Roma, à espera do exército de Maxêncio, ou simplesmente um frio cálculo de oportunismo político. Mas o que devemos deixar claro é que a tolerância, herança de seu pai Constâncio Cloro, para muitos chefes é a única solução. Mesmo Galério, irreduzível adversário do cristianismo, aceitou este ponto de vista. Alguns dias antes de sua morte, gravemente enfermo, na primavera de 311, publicou o Edito de Tolerância, reconhecendo o malogro da perseguição. Tal edito nunca foi ab-rogado.

No início de 313, antes de entrar em campanha contra Maximino Daia, que não era favorável à tolerância aos cristãos no Oriente, Licínio encontrou-se com Constantino, já senhor do Ocidente, em Milão. Dessas conferências resultaram, ao menos, algumas instruções, às quais podemos manter, por convenção, o nome tradicional de Edito de Milão.

Após derrotar Licínio que, por sua vez, tornara-se perseguidor, em 324, Constantino procurando tranqüilizar os pagãos do Oriente, reafirmou a tolerância religiosa. Eusébio de Cesaréia, em sua obra *De Vita*

Constantini, além de mudar a sua opinião sobre Licínio, pois, antes dessa perseguição promovida pelo então senhor do Oriente, o havia elogiado em seus escritos, sublinha esta política constantiniana¹³.

Seria exagero falarmos de uma perseguição ao paganismo, mas Constantino proibiu certos sacrifícios. O domingo tornou-se o dia de repouso legal, interditando-se a realização de qualquer ato oficial, exceto a alforria de escravos. Os bispos conseguem o direito de jurisdição sobre os membros do clero, e sua arbitragem foi reconhecida como inapelável para os processos civis entre os leigos. Existe um desejo de fazer da Igreja um organismo oficial, de associá-la à vida e ao funcionamento do Estado.

O paganismo, entretanto, ainda conservava posições muito sólidas. Em sua grande maioria, o exército ainda lhe era fiel. Geralmente, os “mistérios de Mitra”, um dos mais importantes cultos de mistérios, que prometia a imortalidade aos iniciados, eram adotados pelos soldados. Tanto que Juliano, quando foi iniciado nestes mistérios por Máximo de Éfeso, se faz acompanhar por dois membros da sua escolta que respeitassem e acreditassem em tal culto. Na ocasião, o futuro imperador ainda estava sob o cetro de Constâncio. Grande parte dos intelectuais com um certo renome eram pagãos, como Libânio, muito requisitado por alunos pagãos (Juliano), como também por cristãos (Gregório de Nissa, Gregório Nazianzo, João Crisóstomo). E, principalmente em Roma, eram também pagãs as antigas famílias senatoriais, de riqueza considerável e que forneciam importantes funcionários ao império. Apesar disto, salvo alguns breves interlúdios, a autoridade, a partir de Constantino, sempre esteve nas mãos dos cristãos. Momigliano acrescenta, ainda, que a tentativa de renascimento pagão chegou tarde, e desapareceu muito rapidamente para que tivesse êxito¹⁴.

Alguns imperadores voltaram à idéia de tolerância. Valentiniano I e seu irmão Valente proclamaram-na numa lei de 364, renovando-a sete anos mais tarde. Nesse caso, o imperador ainda mantém o título de sumo-

¹³ EUSEBIUS PAMPHILI, Bispo de Cesaréa. *De Vita Constantini*. V. 7. Lib. I. Leipzig: Texto da edição I. A. Heikel, 1902, p. 21.

¹⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Saggi di Storia della Religione Romana*. Studi e lezioni 1983-1986. A cura de Riccardo di Donato. Brescia: Morcelliana, 1988, p. 79.

pontífice, numa tentativa de melhor vigiar e controlar o paganismo. Teodósio foi o primeiro que não o assumiu, por ocasião de seu advento, afirmando assim a separação entre o Estado e aquilo que Maximino Daia e Juliano haviam procurado organizar como Igreja pagã, dotada de uma hierarquia sacerdotal. Já Constâncio II mandara retirar da sala das sessões do senado romano o altar colocado diante da estátua da Vitória, no qual os senadores pagãos queimavam alguns grãos de incenso; Juliano o havia restabelecido, mas voltou a desaparecer em 382 e, a despeito de inúmeros protestos, só iria reaparecer, de maneira efêmera, no tempo, de Eugênio (392-394). Apesar disso, o símbolo da Vitória, uma mulher alada e, em alguns casos, de dorso nu, foi muito representado nas peças de vários imperadores, tanto cristãos, como Constâncio, quanto pagãos, como Juliano (catálogo p. 76).

O grande golpe dado no paganismo foi o estrangulamento econômico, por meio de confiscos, interdição de sacrificar, de consultar oráculos, de visitar templos, ou seja, do que lhe proporcionava rendimentos ocasionais. Aliado a promulgações de leis violentas e precisas, como a de 356, na qual era proibido, sob pena de morte, celebrar sacrifícios, adorar os ídolos, entrar nos templos. Mas coube a Teodósio, em 392, promulgar uma lei que, finalmente aplicada com rigor, continha minuciosas especificações, atingindo com pesadas multas os recalcitrantes e os funcionários negligentes, proibindo qualquer ato do culto, embora não sangrento, mesmo no interior das casas e propriedades privadas. Assim sendo, o já alquebrado paganismo irá desaparecer, praticamente, nos séculos vindouros.

Com o apoio do braço secular, a Igreja tratou de eliminar os seus inimigos internos, os heréticos. Para isto, foram realizados vários concílios, desde o reinado de Constantino numa tentativa de definir uma ideologia a ser seguida. Neles, a intervenção do imperador em defesa de um ou outro bispo era comum. Podemos citar, por exemplo, o antagonismo existente entre os irmãos Constâncio, ariano, e Constante, defensor do Credo de Nicéia. Com a morte deste, Constâncio impõe a sua vontade nos Concílios de Arles (353) e Milão (355), condenando os nicenianos de Atanásio.

Podemos dividir essa querela em dois grandes grupos: o dos nicenianos, ou homoiousianos, que acreditavam na consubstancialidade entre pai e filho; e os arianos, partidários da doutrina defendida por Ário, que, por sua vez, dividiam-se em três grupos: os moderados ou homoiousianos, que acreditavam numa similitude substancial, os homeos, segundo os quais não existia similitude substancial; mas todas tinham em comum, a diminuição da divindade de Jesus Cristo. Já os radicais ou anomeos, indiretamente, negavam a divindade de Cristo. Juliano, numa tentativa de enfraquecer o cristianismo, irá chamar os nicenianos exilados por Constâncio, restituindo seus antigos bispados. A esperança do rei-filósofo era que as discussões recomeçassem, desestruturando os *galileus*. Ambrósio, bispo de Milão no governo de Teodósio, iria atrair os arianos moderados para o Credo de Nicéia.

Concordamos com Rémondon, o qual afirma que desde o Concílio de Sirmio (351), ocorrera uma anarquia teológica¹⁵; o que, fica bem claro através da citação de Hilário de Poitiers, contemporâneo dos fatos, niceniano exilado por Constâncio, ao dar a sua visão geral das controvérsias: “Cada ano, cada mês, damos uma nova definição da fé”¹⁶.

Assim, associando-se à Igreja, o Estado penetrou nas querelas religiosas e a História do século IV mostra uma sociedade que, submetida a esses acontecimentos, aumentou as perturbações que agitavam o império.

1.4- Elementos de História Financeira (com ênfase no fator monetário)

Não é o nosso objetivo analisarmos o processo da circulação monetária do quarto século. Pois, como se trata de uma monografia, não haveria tempo viável para tal trabalho, sendo assim desaconselhado pelo prof./dr. Ciro Flamarion e pela profa./dra. Maria Beatriz Florenzano. Por isso ficaremos retidos a uma pequena introdução da vida financeira do período. Pre-

¹⁵ RÉMONDON, Roger. - *op. cit.*, p. 79.

¹⁶ AMMIANO MARCELLINO. *Delle Guerre dei Romani*. Tradotto per M. Remigio Fiorentino. Venetia: Apresso Gabriel Giolito de Ferrari, 1550, p. 281.

tendemos, em uma outra oportunidade, dedicar-nos essencialmente ao estudo do montante monetário em curso no século IV, algo, em nossa opinião, de suma importância para compreensão do Baixo Império.

Durante boa parte do século III, principalmente na época do governo de Aureliano (270-275), há uma tentativa de restabelecer as finanças e o equilíbrio econômico. As oficinas de cunhagem, para facilitar a circulação das moedas, são multiplicadas. Mas, logo que são fechadas para que se faça uma redistribuição do manancial monetário, há revoltas. Para regularizar a situação só se admite a moeda emitida pelo Estado, suprimindo o direito do Senado de fiscalizar esta produção. A alta dos preços eleva-se a 1000%. Os cidadãos recusam-se a aceitar essas novas medidas, tanto que uma sublevação irá explodir, em Roma no ano 273, na qual os trabalhadores da Casa da Moeda (*monetarii*), apoiados pelas camadas inferiores da população, matam cerca de 7000 soldados das forças de repressão.

Numa tentativa de restabelecer o poder da economia romana, Diocleciano realiza, ou pelo menos tenta fazê-lo, uma reforma econômico-administrativa. Além de emitir moedas de ouro e prata, coloca em circulação peças divisionárias de bronze, com tenuíssimo invólucro de prata, que servem para as operações quotidianas, conhecidas como *folles*. Em 301, os tetrarcas tentaram através de um edito, *Edictum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium*¹⁷, ou Edito Máximo de Preços, restabelecer a economia do Império.

Também nesse período as casas de cunhagem são ampliadas, a fim de satisfazer as obrigações da tetrarquia e as necessidades do comércio: obras públicas, aumento do efetivo militar e civil. Para isso, novas peças começam a circular com letras, na parte inferior do *reverso* da moeda, conhecida por *exergo*. Quando visível, podemos identificar o nome (espécie de sigla) do local da cunhagem. Vejamos o quadro a seguir:

¹⁷ DESSAU, Hermannus (Ed.). *Inscriptiones Latinae Selectae*. v. 1. Berolini: Wilmannos, 1892, p. 58.

SIGLA

CONSA, CONS, CONST,
CONSP, CONSPB,

TSA, final SR, SMTS, TES
TΩR

RΩE, RΩT, RQλ,
R*Τ, R^Q, VRB. ROMQ,
VRB. ROM.Q, VRB. ROM, RΥS

SMKR ou SMKΓ, SMNE∪,
SMAB, SMAKA

SMANAI, SMANEI, SMANTH
SMANB, SMANH, SMANS, NA
SMAN

SMALE, SMALA, ALE, ALEA

SMHA

SMNE, SMNI, SAMNA.

ARLQ, PARL, PCON, SCON, PAR

TRS, TRP

BSISZ, ESIN, ASI, ASSIS,
BSISG

AQP*:

LOCAL

Constantinopla

Tessalônica

Roma

Cízico

Antioquia

Alexandria

Heráclea

Nicomédia

Arles

Treves

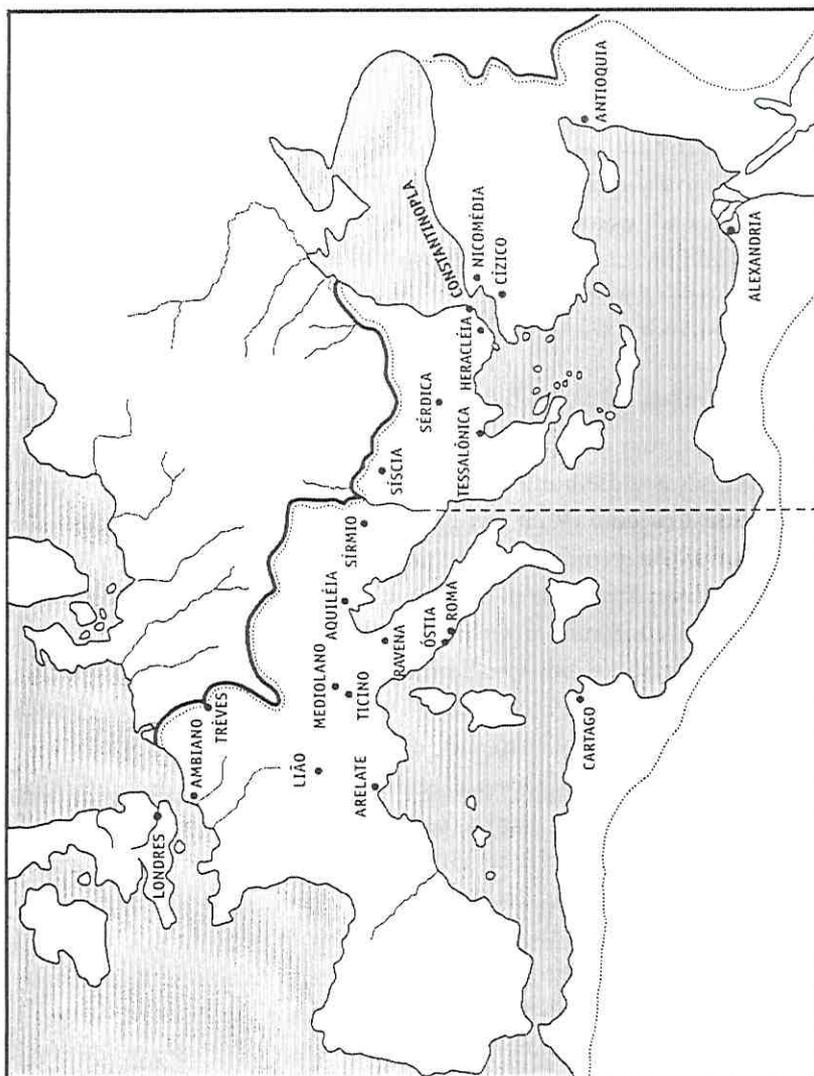
Siscia

Aquiléia

Tanto Depeyrot, como Mendes, estabelecem um mapa dos ateliers monetários romanos espalhados pelas diversas regiões império.¹⁸ Ver o mapa a seguir:

¹⁸ MENDES, Norma Musco. *Sistema Político do Império Romano: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002, p. 163.

Mapa 2: Centros de emissão de moedas



Durante a tetrarquia, mais especificamente no governo do Herculio Maximiano, irá ser cunhada uma nova peça chamada de votiva, pois em seu exergo vem a seguinte inscrição: VOT XX MVLT XXX, que significa, *votamos por vinte anos, depois por mais trinta anos*. Na legenda, uma coroa de louros cerca o voto. Estes votos expressavam uma espécie de confiança, de fidelidade do povo ao seu governante. Posteriormente, outros imperadores, Constâncio II, Juliano, Joviano, Valentiniano I, cunharam moedas com a mesma legenda ou derivadas, como VOT XXX MVLTIS XXXX ou VOT XX SIC XXX. (catálogo p. 109)

Na era constantiniana, permaneceram os mesmos problemas. Depois da derrota de Licínio, Constantino apoderou-se dos tesouros do antigo rival, mas, dois anos mais tarde, a maior parte das casas monetárias fundadas por Diocleciano eram fechadas. Em 332, graças ao confisco dos bens dos templos, foi possível reabri-las. Mas Constantino foi obrigado a realizar uma “reforma monetária”, baixando o peso do *aureus*, a fim de emitir o *solidus*, e em 324, o *miliarense*, de prata, que poderia chegar ao valor de 1/12 do *solidus aureus*. Quanto à massa em circulação, é constituída por espécies de cobre e bronze, de peso variável. Tal medida foi de tamanha importância que Brown faz uma alusão ao *solidus* como o “dólar” da Idade Média¹⁹.

Na administração, o ministro do tesouro real, o *rationalis*, cedeu lugar ao conde das liberalidades sagradas; e o *procurator rei privatae* ao conde dos bens privados, na organização dos bens e da fortuna do príncipe para que revertissem as rendas do *ager publicus*, dos domínios confiscados, das terras municipais e os recursos dos templos.

De fato, a política constantiniana de grandes despesas não podia fazer parar a inflação, tanto mais que as liberalidades, como o fornecimento do pão, que a princípio era gratuito, passando, em seguida, a um preço reduzido, bem como as distribuições de azeite e de carne de porco, aumentaram, à medida que são ampliadas as fronteiras imperiais. Só no século IV são distribuídas quatro mil rações de carne de porco por dia. Esta assistência social custava caro.

¹⁹ BROWN, Peter. - *op. cit.*, p. 27.

A partilha do império entre os filhos e sobrinhos de Constantino, as agitações consecutivas à usurpação de Magnêncio, as inquietações suscitadas por dissensões religiosas, a subida ao poder de Juliano, não trazem qualquer solução. Sobrecarregara-se com pesados encargos o funcionamento do serviço de correio, que transportava os bispos aos diversos concílios, implicando em despesas incontroláveis. Durante o governo de Constantino II e Constante foram colocadas em circulação novas moedas, a *maiorina* e o *centenionalis*, mais pesadas do que as de Constantino, mas tinha sido preciso desvalorizá-las. Juliano restituiu-lhes o seu peso primitivo, mas o efeito não durou muito.

Valentiniano I, em consequência das guerras que não param, vê-se em apuros de dinheiro. Começa a exigir o pagamento em ouro das contribuições e taxas devidas ao Estado e a concessão, em três prestações, para o imposto da anona (imposto direto, em espécie, arrecadado nas províncias). Restabelece o controle estatal sobre as minas, cuja exploração Constantino tornara livre. Procede a confiscações em massa dos bens privados e só deixa às cidades um terço dos seus rendimentos. De acordo com Símaco²⁰, chega até a emitir moedas falsas.

²⁰ SÍMACO. Epistolarum. Symmachi praefectivrbi libri II. De Ambrosii Epistolae in Symmachum. Epistolarum Magni turci ad uarias gentes liber unus, a Laudino Equite Hierosolymitano latine redditus. Basiliae: Froben, 1549, p. 243.

As moedas de Constâncio II no acervo do MHN

1. O acervo

1.1- Origem

As 259 moedas do Imperador Constâncio II que constituem o objeto do catálogo que elaboramos, pertencem ao acervo do MHN e, por isso, nossa análise será centrada nesta documentação.

A origem da coleção é um tanto obscura. O corpo técnico do museu acredita que a maior parte das peças foi legado, em 1921, da grande coleção reunida pelo comendador Antonio Pedro de Andrade à Biblioteca Nacional, onde o seu antigo diretor, Ramiz Galvão, desde 1880 havia começado a formar o que mais tarde viria a ser a “coleção oficial brasileira”.²¹

Antonio Pedro reuniu uma coleção de 13.941 moedas e medalhas que compreende, entre outros núcleos expressivos, 4.559 moedas e 2.054 medalhas portuguesas e 4.420 moedas da Antigüidade.

É também possível que alguns exemplares sejam precedentes das coleções da família imperial, legadas pelo imperador D. Pedro II ao Museu Nacional em 1891 e incorporadas pela Biblioteca Nacional em 1896²².

Em 1922, quando o Museu Histórico Nacional foi criado, o decreto que o instituiu também determinou que o acervo numismático existente na Biblioteca Nacional – assim como em outras instituições como o Arquivo Nacional e a Casa da Moeda – fosse para ali transferido. No momento em que se efetivou a cessão, a coleção total ultrapassava as 48 mil peças. Hoje ela chega a aproximadamente 109 mil.

1.2 - Símbolos Monetários

²¹ VIEIRA, Rejane Maria Lobo. Op.cit., p. 23.

²² Idem, Ibidem – op.cit. p. 23.

1.2 - Símbolos Monetários

O homem, durante a sua passagem pelo planeta, desenvolveu diversas formas simbólicas, tanto artísticas quanto lingüísticas, expressas pela sua consciência. A respeito, e ao tocante ao nosso tema, podemos afirmar que “...os símbolos políticos são definidos como símbolos que funcionam até um ponto significativo na prática do poder”²³.

As práticas do poder — e seus simbolismos — atuam, de uma maneira direta ou não, através de questões ideológicas. E, em toda a sociedade, através das idéias da classe dominante, predominam, oralmente ou através da escrita. Cardoso diz que “...é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica...”²⁴.

Os símbolos que habitam a Numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes²⁵, da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a Numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado”²⁶. Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*.”²⁷

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

²³ DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 2A. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 1115.

²⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *Os Métodos da História*. 2a. ed. Tradução de João Maia. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979, p. 397.

²⁵ FLOR, Fernando de la. *Emblemas Lecturas de la Imagen Simbólica*. Madrid: Aliança Editorial, 1995, p. 183.

²⁶ Idem *Ibidem* - *op. cit.*, p.186.

²⁷ CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p.70.

“ Sem dúvida alguma é o terreno das idéias políticas e a propaganda onde é mais fecundo o serviço da Numismática à História...[Devemos] refletir sobre a significação da moeda no mundo antigo, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a effigie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum*, *Restitutio Orbis Victoria* e *Pax Augusta*...são slogans, propaganda.”²⁸

Samaran também descreve a importância da Numismática, tanto econômica e sociológica quanto estética. Para isto, realiza uma análise dos tipos monetários e da paleografia romana, destacando a originalidade da idéia da *fortuna*²⁹, representada no reverso de várias peças. O próprio termo *denier*, *denaro*, *dinero*, *dinar*, *d'argent*, são derivações de *argentus*, moeda de prata cunhada no vasto Império Romano.

Donis Dondis afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática.

“...isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da História. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista...O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo...a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista...”³⁰

Pascal Arnaud destaca que nas moedas da Antiguidade Clássica, gregas e romanas, o averso é a parte hierarquicamente mais importan-

²⁸ ROLDÁN HERVÁS, J. M. *Introducción a la Historia Antigua*. Madrid: Ediciones Istmo, 1975, p. 166.

²⁹ SAMARAN, Charles. *L'Histoire et ses Methodes*. Paris: Librairie Gallimard, 1961, p. 328.

³⁰ DONDIS, Donis. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução de Jefferson Luis Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 184.

te³¹, pois nele é encontrado a efigie de quem ordenou sua cunhagem, juntamente com o título, no caso romano, de DIVVS ou AVG. Uma espécie de retrato dos seus chefes, emitido pelo Estado. Em matéria de tipologia monetária, são consideradas como retratos todas as imagens que pretendem representar seus líderes ou “humanos concretos”, na sua qualidade de pessoas individuais, quer assumam aspectos realistas, quer, pelo contrário, correspondam a interpretações idealizadas ou quase simbólicas. Tanto Arnaud como Gomes Marques as definem como verdadeiros retratos, embora possam existir múltiplos desvios da realidade. Mesmo assim, trata-se de algo bem diferente da Idade Média, quando, tirando poucas exceções, não existiam preocupações evidentes de semelhança com as individualidades representadas.

Esses retratos monetários contam-nos muito, por exemplo, sobre as mulheres da família imperial. Segundo Orlandoni, era a forma mais comum de propaganda³². Consistia em escolher uma imagem para as mulheres da casa imperial que fosse condizente com o papel desempenhado pelas mulheres em geral na sociedade romana, incluindo as imperatrizes, ou as próximas a elas, nos cultos do Estado. Era comum o imperador associar-se às suas esposas nas representações das cunhagens monetárias.

O culto da virtude (*virtus*), que significa coragem, representada por uma imagem masculina, merece uma análise mais detalhada pois, além das inscrições nas moedas, pode ser rastreado na literatura. Como instrumento de propaganda imperial, ajuda a definir a natureza de um determinado governo e a compreender a ideologia do imperador como o centro da concepção de um universo organizado.

Segundo Mendes, são estas concepções ideológicas, constituindo uma espécie de direito divino, do governante, de influência persa, no qual ocorre uma aproximação com a divindade³³. Tudo o que rodeava os imperadores, pagãos como Juliano ou cristãos como Constâncio II, era considerado sagrado. Nas numárias cunhadas no período, nota-se na efigie a au-

³¹ ARNAUD, Pascal. *Le Commentaire de Documents en Histoire ancienne*. Paris: Belin Sup, s/d, p. 195.

³² ORLANDONI, Mario. *Imitazioni di Monete Romane in Brnze emesse fra il IV ed V secolo*. Rinvenute negli scavi archeologici in Valle d'Aosta. Ermanno A. Arslan Studia Dicata. V. 2. Milan: Edizioni Ennerre, 1991, p.167.

³³ MENDES, Norma. *Op. cit.*, p. 124

réola cingindo a cabeça do governante. Ocorre uma exaltação ou, até mesmo, uma legitimação do poder real.

Essas representações são comumente alegóricas ou simbólicas e a mensagem que transmitem vai, quase sempre, além dos traços visíveis. Encontram-se com frequência, nessas moedas, nomes de cidades, países, festivais, monumentos famosos, divindades, membros de uma família, que auxiliam na interpretação do seu significado e sentido.

Tratava-se de uma exposição de idéias, uma composição de emblemas, como o barrete frígio que tem o significado de liberdade, a cornucópia que remete à abundância, e a concórdia representa a união dos esforços. Em alguns casos também são representadas por mãos estreitadas. Outras coberturas, como o véu, que pode indicar modéstia ou viuvez, barretes e elmos, indicando campanhas militares, a ornamentação com a coroa de louros (laureadas), que tendem a assimilar aqueles que as levam à divindade, também são comuns nas representações monetárias.

Devemos deixar claro que qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas simbólicos que chamamos de linguagens são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percepções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens, tornando a linguagem visual universal. Dondis ainda acrescenta que:

“Enquanto meio de comunicação visual impregnado de informação de significado universal, o símbolo não existe apenas na linguagem. Seu uso é muito mais abrangente. O símbolo deve ser simples e referir-se a um grupo, idéia, atividade comercial, instituição ou partido político...”³⁴

A impressão iconográfica das moedas, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados. Geralmente, estas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva autoridade, designada de um modo claro para os seus contemporâneos por uma figura, uma atitude, ou atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

³⁴ DONDIS, Donis. *Op. cit.*, p. 93.

1.3 - Emissões Monetárias

O acervo de Constâncio II no MHN é um dos maiores de toda a coleção referente às moedas romanas. Apesar de constar de menos peças que o de Augusto, consegue igualar, em quantidade e qualidade, a do pai, Constantino. Os outros imperadores do século IV ligam-se a uma quantidade bem inferior de peças monetárias.

A partir do catálogo, que é o núcleo desta dissertação, decidimos estabelecer uma tipologia de tipos e subtipos monetários, com base no reverso das cunhagens, para tal procedendo de uma análise simples de conteúdo do *corpus* documental.

Segundo Depeyrot, alguns historiadores antigos, como Amiano Marcelino, consideram que o reinado de Constâncio foi uma época em que ocorreu um grande aumento dos impostos, processo este em que nem as províncias que já tinham contribuído em outras ocasiões haviam sido esquecidas. Às inúmeras guerras relaciona-se o aumento da pressão fiscal, como também o aumento das emissões monetárias para pagar as tropas, podendo o Estado dispor de todo o ouro das minas; em 361, deu-se a arrecadação de um imposto especial para a luta contra Juliano.

Já em outros testemunhos, como o de Eutrópio, Constâncio II aparece como um bom administrador que vela pelos interesses dos contribuintes, um governante eminente, que administra com prudência o dinheiro dos provinciais e particulares, muito sensível aos interesses do fisco, mas que preferia ver as riquezas públicas antes em mãos particulares do que guardadas em um cofre³⁵, sendo até comparado ao pai como administrador.

Ambos os testemunhos são inexatos e parecem incompatíveis. O aumento da pressão fiscal e as causas das guerras desmentem o que disse Eutrópio. Parece mais plausível admitir é que a pressão tenha sido mais branda durante o reinado de Constâncio do que dos seus sucessores, apesar dos bruscos aumentos por ocasião das guerras, como o requerimento fiscal de 3 de fevereiro de 339, relacionado diretamente com o conflito contra os persas³⁶.

³⁵ DEPEYROT, Georges. *Crisis e Inflación entre la Antigüedad y la Edad Media*. Barcelona: Crítica / Grijalbo Mondadori, 1996, p. 71.

³⁶ DEPEYROT, Georges. *Op. Cit.*, p. 72.

Certamente, as guerras e as mobilizações, tanto militares quanto econômicas, aumentaram a necessidade do Estado emitir moedas, como demonstra o imposto excepcional de 361. Devemos acrescentar que os últimos anos de governo de Constâncio se caracterizaram por uma aceleração da produção monetária em ouro, conforme o autor anônimo citado por Mazzarino³⁷, e forte aumento dos preços.

Quanto ao aumento das emissões monetárias, Florenzano afirma que a guerra é um fator que estimula a produção de moedas, na medida que estas podem vir a agilizar a economia, facilitando a efetivação de muitos pagamentos, bem como, também, a confecção de armamentos³⁸.

Mendes também associa as despesas militares a um significativo aumento das amoedações, tornando-as mais abundantes e contínuas, chegando ao ponto de ocorrer uma regionalização dos sistemas de cunhagem durante a tetrarquia, enquanto, no Alto Império, a fabricação era centralizada nas cidades de Roma e Lião³⁹.

Além disso, no acervo do MHN, podemos acrescentar que ocorre um significativo aumento nas cunhagens em que, no reverso das peças, vem representada uma cena de batalha (catálogo p. 73), uma construção militar (catálogo p. 59), ou está presente um símbolo da Vitória (catálogo p. 78). Demonstram o interesse estatal em divulgar uma propaganda que afirma sucessivos sucessos contra os inimigos do Império.

No catálogo organizado pelos alunos do "Programa de História da Arte e Arquitetura" da Brown University, Estados Unidos, afirma-se que as inovações mais profundas nas emissões de Constâncio II foram expressas na cunhagem em ouro⁴⁰, não ocorrendo, segundo eles, grandes mudanças na cunhagem de Constâncio II durante a primeira metade de seu rei-

³⁷ MAZZARINO, Santo. *O Fim do Mundo Antigo*. Tradução de Pier Luigi Cabra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991, p. 53.

³⁸ FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Cunhagens e Circulação Monetária na Magna Grécia e Sicília durante a expedição de Pirro (280-272 a.C.)*. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986, p. 222.

³⁹ MENDES, Norma. *Op. Cit.*, p. 141.

⁴⁰ WINKES, Rolf (Orientação). *Retratos e Propaganda. Faces de Roma*. Brasília: Divisão de Impressão e Publicações do Banco Central do Brasil, s/d, p. 53.

nado. Esta amoedação reiterou os estilos e temas principais de seu pai, Constantino. Antes da cunhagem desta moeda (*solidus*)⁴¹, o tipo de busto comum era o de perfil (catálogo p. 91). Nesse momento, o busto frontal inicia uma nova era de representação da effigie imperial. Foi extinto antes do final do reinado de Constâncio II, mas voltou a ser usado em reinados posteriores.

Esta peça foi cunhada em Roma para comemorar a primeira entrada de Constâncio na cidade em 357. Difere levemente das moedas fabricadas no Oriente. Nesta região eram acrescentadas estrelas no elmo e um diadema de pérolas vinha com um ponto centrado, como nas emissões dos *asses* (bronze), ou no *solidus*, fabricado na Antioquia, pertencente a coleção do Museu. Trata-se uma mensagem simbólica específica cujo o significado é o de indicar a pessoa do imperador. Infelizmente não foi possível realizarmos a análise desta moeda, pois ela se encontra no cofre forte da Caixa Econômica Federal e, apesar da boa vontade da Seção de Numismática do MHN, os entraves burocráticos foram mais fortes. Com o término da obra realizada na seção, as peças de ouro retornaram para o Museu, ficando a nossa apreciação a respeito para um próximo trabalho.

Seria bom ressaltar que esta moeda, a primeira da coleção de Constâncio (segundo a numeração do MHN), tem no reverso a *legenda Gloria Respublicae*, cercada pelos votos VOL XXX MULT XXXX, segundo as informações que constam na segunda lâmina do lote de número 26 da própria instituição. Nota-se uma certa semelhança com as moedas citadas no primeiro capítulo, chamadas de votivas (catálogo p. 112). O imperador demonstra a intenção de manter as antigas tradições romanas, como a memória republicana ou o Senado. Pelo menos na teoria, pois esta peça foi cunhada especialmente para o Senado Romano.

⁴¹ SUTHERLAND, C.H.V (ed.). *The Romain Imperial Coinage. The family of Constantine I* "D. 337-364I, London: Spink & Sons, 1981, n. 293.

2 – Tipologia das moedas de Constâncio II: aplicação do método de análise de conteúdo

Os tipos monetários por nós analisados serão expostos numa classificação decrescente das conotações numéricas, baseadas nas variações do reverso.

Primeiramente estudaremos os tipos militares, onde englobamos as representações da Vitória (49 peças), e outros subtipos como as fortificações (18 peças). As cenas de batalha podem ser subdivididas em duas etapas: a primeira, um cavaleiro derrotando um inimigo suplicante (3peças), e um soldado (a pé) derrotando um inimigo (68 peças). Nas moedas referentes ao lábaro com ao cristograma ou outros símbolos ocorre uma variação; dois soldados e um lábaro (54 peças), um soldado e dois lábaros (1 peça), dois soldados e dois lábaros (23 peças).

As laudatórias ou votivas apresentam um grupo de 17 peças, as com temas religiosos ou associadas por nós a religiosidade, são respectivamente a do imperador em uma embarcação (7 peças), ao lado de dois observadores (6 peças), a que notamos a figura de Constâncio com o globo e o lábaro (7 peças), e da representação de um altar (2 peças)

Por último, as simbólicas, as mais escassas desta coleção com apenas duas peças.

2.1- Moedas de tipo Militar

2.1.1 – Vitória

Os temas mais valorizados nas numárias de Constâncio II são sem dúvida a Liberdade (catálogo p. 123) e a Vitória (catálogo p. 82).

A Liberdade, figura feminina em destaque, representando Roma, surge a partir do século II a.C. Tanto ela quanto a Vitória constituem somente uma pequena parte das personificações de ideais nas moedas romanas. Uma espécie de características habituais que representam as personificações.

As representações da Vitória podem ser identificadas com as inscrições monetárias seguintes: *fides* (confiança, boa fé), com a pátera e cornu-

cópia ou feixes de espigas e cestos com frutos. Como *fides militum*, segurando dois estandartes ou um estandarte e um cetro (catálogo p. 90); *securitas* (segurança, confiança no futuro), novamente com a pátera ou o cetro; representada de pé, apoiada em uma coluna e com pernas cruzadas, ou reclinando em uma cadeira (catálogo p. 109), numa atitude de tranquilidade; *victoria (nike, vitória)*, alada, segurando uma coroa de louros e palma (catálogo p. 84). Nesse caso, o da *victoria*, foi instituída uma moeda de prata no valor de 5 *asses*, chamada de *victoriatus* em sua homenagem.

Geralmente, na coleção do MHN, são representadas duas vitórias, aladas, voltadas para o centro, com as mãos estendidas segurando uma coroa de louros, elmo e escudo. Juntamente com a imagem simbólica identificamos as letras N, P, M, G, NP (sobrepostas), que segundo Cohen, são uma espécie de sinais, comumente, encontrado nas moedas de Constâncio⁴². Em alguns casos aparece também a estrela ou uma palma dentro do campo. Um total de 48 peças se liga a esta representação.

Neste caso pode ocorrer uma variação tanto no anverso como no reverso. O busto de Constâncio, com diadema, em alguns casos, está representado apenas do pescoço para cima. No reverso, ao invés da coroa de louros, elmo e escudo, tais símbolos são substituídos por um voto (catálogo p. 83). No MHN existe apenas uma representante desta categoria contudo, as legendas do anverso e reverso nela encontram-se apagadas.

Os locais de cunhagens, identificados no exergo, na sua maior parte, são relacionados com a área oriental do império, como por exemplo ESIN (Siscia), ALE, SAMAN (Alexandria), AQP (Aquiléia), SMAL, SMALA, SMANH, SMANS (Antioquia), SMNI (Nicomédia), TSA (Tessalônica). Poucas exceções como PARL, PAR (Arles), TRS (Treves) podem ser notadas.

Tal fato pode ser explicado, segundo Arnaud, porque, durante os séculos IV e V, são comuns, entre as moedas romanas, principalmente as cunhadas no Oriente⁴³, trazerem, no reverso, a imagem simbólica acom-

⁴² COHEN, Henry. *Description Historique des Monnaies*. Frappées sous L'Empire Romain. Communément appelées Médailles Impériales. Deuxième Édition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollin e Feuarent éditeurs, 1888-1892, p. 437.

⁴³ ARNAUD, Pascal. *Op. cit.*, p. 201.

panhada de uma estrela ou palma (ramos). No anverso, a cabeça ou o busto do imperador virem cingida por um diadema com o aspecto de simples fita de pérolas, com duas ou três pontas. Trata-se de uma mensagem simbólica específica, cujo significado é o de designar a pessoa do governante.

2.1.2 - Fortificações

Apesar de não haver criações notáveis no período sobre as representações Numismáticas, devemos citar que muitos reversos exibem o tema das portas de cidades, uma maneira de os imperadores demonstrarem seu interesse em manter a segurança da população quanto aos ataques “bárbaros”. As duas únicas exceções, de acordo com Gomes Marques, são as portas de Treves, em um sólido de Constantino; e um medalhão que representa os portões de Londres, de Constâncio II⁴⁴.

Existe uma controvérsia quanto a esta afirmação de Gomes Marques. Sears concorda com ele, identificando o anverso como os portões de Londres. Cohen afirma ser um campo militar ou praça forte. Dezesesseis das dezoito peças do acervo do MHN pertencentes a esta categoria trazem uma estrela que, segundo RIC⁴⁵ e o próprio Cohen⁴⁶, identifica as moedas cunhadas no Oriente. Ao analisarmos os respectivos exergos, achando ARLQ (Arles), RΩQ (Roma), SAMNTH (Antioquia), SMHA (Heracléia), SMNE (Nicomédia), SMKΓ (Sisico) entre outras, concordamos com os autores acima citados.

A partir do século III começa a haver uma variação das amoedações que trazem edifícios ou construções militares como tema. Na página 58, podemos notar uma dessas variações. Neste caso devemos destacar uma certa originalidade da cunhagem, pois não foram encontradas outras representações iguais nas coleções referentes aos séculos anteriores, tanto no MHN como nos catálogos mais antigos por nós pesquisados.

De acordo com o Dicionário de Semiótica, o significado do termo “construção”, aparece como um sinônimo de “artificial” opondo-se a “natu-

⁴⁴ MARQUES, Mario Gomes. Op. cit., p.133.

⁴⁵ SUTHERLAND, C.H.V (ed.). Op. cit., p. 356.

⁴⁶ COHEN, Henry. Op. Cit., p. 437.

ral”, uma referência à ação do homem que transforma a natureza⁴⁷. Em uma política imperial onde a moeda tem um grande poder de circulação, os habitantes do vasto Império Romano tomariam conhecimento da obra realizada pelo seu governante. Além disso, ainda há o significado da segurança representada pela própria fortificação.

Chamaram a nossa atenção, igualmente, alterações que ocorrem no anverso da moeda, na efígie de Constâncio e na legenda, no que chamamos de subtipos.

A figura do imperador está voltada para a esquerda do observador, com o diadema e o manto, segurando um globo na mão direita. Pela legenda podemos constatar que a peça foi cunhada no período em que Constâncio exercia a função de César, pois observamos ao lado do seu nome NOB C (nobilíssimo César), conforme o catálogo p. 60.

2.1.3 - Cavaleiro Derrotando um inimigo.

Como já havíamos comentado anteriormente, esta peça, segundo o corpo técnico do MHN, constitui de uma das moedas mais raras da coleção, existindo poucos exemplares com esta representação. O Museu dela possui três exemplares.

A figura de um cavaleiro pesadamente armado, lançando seu cavalo contra um suplicante inimigo e pisoteando sobre o escudo, mostra-nos a riqueza dos detalhes impressos no reverso.

Num período em que as legiões romanas preparavam-se para a luta contra os sassânidas, notamos na inscrição da legenda GLORIA ROMANORVM, referente à glória do povo romano. O cavaleiro, segundo Cohen, o próprio Constâncio, com uma auréola em volta da cabeça, que representa a radiação de luz espiritual. Segundo o Dicionários de Símbolos, a auréola elíptica, ou auréola em volta da cabeça, prefigura a dos cor-

⁴⁷ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, p. 80.

pos ressuscitados. Trata-se, pois, de uma transfiguração antecipada em corpo glorioso⁴⁸.

Nas suas costas, está a letra N (identificada por Cohen e pelo RIC⁴⁹ como pertencentes às cunhagens do imperador). À direita, um inimigo sendo derrotado, de joelhos ou caindo de costas, como se estivesse suplicando misericórdia. O cavalo levanta-se sobre as duas patas traseiras. Exergo RS (Roma).

Novamente, aqui, as grandes variações ocorrem no anverso. Em duas moedas, o busto de Constâncio encontra-se voltada para a direita do observador (como na maioria dos casos). Na outra, considerada rara pelo corpo técnico do MHN, a efígie encontra-se voltada para a esquerda do observador com a letra H atrás da nuca (direita) e o globo na mão direita (catálogo p. 102).

2.1.4 - Soldado Derrotando Inimigo a Pé

Neste exemplar, o soldado romano investe contra um inimigo suplicante, sem o cavalo. Novamente, o vencedor pisoteia o escudo do vencido, que também é atingido por uma lança.

No anverso, a efígie pode aparecer das duas maneiras já citadas anteriormente, à direita do observador, com o diadema e o manto, como também pode ser representada com a efígie do lado esquerdo, com o globo e a estrela. Neste último caso, em menor quantidade que a anterior (aproximadamente 20 das 68 peças).

Ocorre uma variação quanto à letra representada. Aqui notamos, atrás da nuca (esquerda), a letra H, que pode significar herdeiro ou honra.

No reverso, a legenda FEL TEMP REPARATIO, aparece também em outras representações. Tem o sentido de designar a figura do imperador, com o uniforme militar, de pé, com uma lança na mão esquerda e um escudo na direita, saltando sobre um inimigo caído, como o grande responsável pelo ressurgimento do Império Romano, às voltas com inúmeras

⁴⁸ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympo editora, 1997, p. 100.

⁴⁹ SUTHERLAND, C.H.V. op cit., 357.

crises. A figura imperial está sempre representada bem maior que a do inimigo, pois ele é o centro do poder político e administrativo.

Em alguns casos, pode vir acompanhada da letra H, Γ e da própria fênix. Nos exergos analisados, ocorrem TSA (Tessalônica), SMNE (Nicomédia), AQP (Aquiléia), RQ, R*T (Roma), CONS (Constantinopla), BSISZ (Siscia), PCON (Arles). Nota-se uma grande superioridade das cunhagens realizadas no Oriente, tanto na qualidade quanto na quantidade.

2.1.5 - Dois Soldados e um Lábaro

Dois soldados seguram um único lábaro ou estandarte ao centro da representação. Podem ser encontrados os seguintes símbolos - S, O, G, I, PX (juntos, formando o cristograma) - na ponta do lábaro como uma espécie de flâmula. Os símbolos localizados, no reverso, acompanhados pela legenda GLORIA EXERCITVS, indicam, segundo Cohen, que os símbolos aqui identificados são insígnias militares. Foram utilizados para representar (ou até mesmo para pagar) alguma legião.

Essa emissão também foi realizada no período em que Constâncio desempenhava a função de César, pois este tinha a função de comando militar. No anverso podem ocorrer as seguintes variantes quanto à legenda: FL CONSTANTIVS NOB C (catálogo p. 96), busto a direita do observador, com diadema e o manto, ou FL IVL (Flávio Júlio); e, nas cunhagens posteriores, AVG, já como único Augusto (catálogo p. 106).

Muitas dessas peças estão com os exergos ilegíveis, mas conseguimos identificar alguns locais de cunhagens: CONS, CONST (Constantinopla), PARL (Arles), R*T (Roma), entre outras.

2.1.6 - Um Soldado e Dois Lábaros

Esta moeda merece um destaque especial mais pela sua raridade na coleção do MHN do que propriamente as informações que pelas podemos retirar. Trata-se do único exemplar com esse reverso. O exergo encontra-se ilegível. Aparece o numeral III, e o cristograma (PX – superpostos), na ponta de cada lábaro ou estandarte. A figura de um soldado en-

couraçado, no centro, segura os dois lábaros. Quanto à inscrição, *CONCORDIA MILITVM*, notemos que poucas peças, no MHN, têm tal legenda. Tanto nos catálogos de David Sears, Cohen e RIC, as amoedações como esta são poucos detalhadas.

No anverso, além da legenda *CONSTANTIVS PF AVG* e o busto à direita, novamente notamos a presença da letra *H* na nuca (esquerda), acompanhada do diadema e do manto imperial, a púrpura.

2.1.7 - Dois Soldados com Dois Lábaros

As representações são semelhantes às da peça comentada no ponto 2.1. 5 acima (dois soldados e um lábaro), mas com uma variação no reverso, onde apresentam-se dois lábaros ao invés de um. Novamente, o cristograma aparece em ambos os estandartes.

Notamos uma grande variedade nas legendas localizadas no anverso, como por exemplo nas amoedações relacionadas à época em que Constâncio exercia a função de “César”, *FL CONSTANTIVS NOB C*, *FL IVL CONSTANTIVS NOB C*. Como também nas de Augusto, *CONSTANTIVS PF AVG*, *CONSTANTIVS AVG*, *FL IVL CONSTANTIVS AVG*, *DN CONSTANTIVS PF AVG* (catálogo p. 94). Estas alterações foram encontradas apenas nas legendas, pois, na imagem, não ocorrem maiores inovações: o busto à direita, com o diadema e o manto. Podemos afirmar a necessidade de Constâncio se impor perante as legiões, associando, à sua função de “César” ou “Augusto”, o símbolo cristão. Assim seria mais fácil a sua aceitação pela a tropa.

No reverso, *GLORIA EXERCITVS*, aparecem dois soldados de uniforme (armadura), lança na mão direita (soldado da esquerda) e esquerda (soldado da esquerda) com as cabeças voltadas para o centro, que observam dois lábaros com o cristograma na ponta. Por causa do estado das 23 moedas que foram analisadas, não foi possível identificarmos o símbolo. Os exergos encontrados, *CONS*, *CONSB* (Constantinopla), *SMALA*, *SMALE* (Alexandria), *SMANEI*, *SMANAI* (Antioquia). Mostram-nos a importância do exército para a parte oriental do império, principalmente por causa da ameaça persa, cada vez mais constante.

2.2- Moedas Laudatórias ou Votivas

Segundo Ney Chrysostomo essas moedas, surgidas durante a Tetrarquia de Diocleciano, cunhadas pela primeira vez pelo imperador do ocidente Maximiano (286-305)⁵⁰, são consideradas as mais populares, por isso cunhadas apenas em bronze. Os votos que elas expressam inspiram confiança e fidelidade do povo ao seu governante. Não aparecem imagens ou representações no reverso.

Os principais votos encontrados foram VOT XX MVLT XXX (catálogo p. 112). Mas existe um único exemplar no MHN em cujo reverso vem VOT XV MVLT XX. Segundo Cohen,⁵¹ este exemplar só poderia ser encontrado, fora do MHN, no Museu da Dinamarca.

Outras peças com os votos diferentes podem ser achadas. Segundo Ney Chrysostomo, além dos citados acima, os mais comuns são VOT XX SIC XXX (a promessa que fazemos para vinte anos fazemos para trinta anos); VOT XX MVLTIS XXXX (votamos por trinta anos depois por mais XXXX anos)⁵². Esta última existe na coleção de Juliano, o apóstata, no MHN.

A que agora analisamos é mais simples que as outras moedas trabalhadas. No anverso, o busto está representada apenas do pescoço para cima. Encontramos no reverso, mais especificamente no campo, uma coroa de louros, cercando o voto; no exterior e concêntricos com a coroa, dois círculos, sendo em geral o exterior de maior largura. Os exergos mais encontrados foram CONS (Constantinopla), SMALA (Alexandria), PARL (Arles), SMNI (Nicomédia) SMANH, SMANS, SMANH (Antioquia).

2.3- Moedas ligadas à religiosidade

Com a ascensão do cristianismo começam a surgir nas moedas os equivalentes cristãos da simbologia pagã. No reverso das várias espécies

⁵⁰ COSTA, Ney Chrysostomo da. Dicionário de Numismática. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969, p. 547.

⁵¹ COHEN, Henry. Op. Cit., p. 444.

⁵² COSTA, Ney Chrysostomo da. Op. Cit., 548.

monetárias do século IV, como as de Magnêncio por exemplo, já podemos encontrar o sinal de Constantino.

Nas moedas de Constâncio tal sinal também aparece. A diferença principal é que vem acompanhado do lábaro, segurado pelo imperador (catálogo p. 69). Nas cunhagens de Magnêncio o sinal aparece em um ângulo maior, sem legendas, ocupando todo o reverso. Não sabemos se Constâncio mandou cunhar moedas desse mesmo estilo.

Das numárias romanas existentes na coleção do MHN, a de Constâncio, por contar de um grande número de exemplares, é a que oferece a maior variedade de exemplos das composições polivalentes e ambigüidades intencionais, como podemos observar em alguns reversos.

O tema central é sempre o imperador, representado em traje militar ou com o manto imperial, em atitude triunfante, e sustentando um *vexillum* (estandarte). Novamente encontramos uma declaração da fé que precisa ser imposta à população romana. Pois no *vexillum*, quase sempre vem inscrito o cristograma (catálogo p. 64) Mas também pode representar a comemoração de um acontecimento histórico, glorificação do exército (catálogo p. 90).

Na realidade, segundo Gomes Marques, o cristograma do *vexillum* está, em algumas emissões, reduzido a um esboço. Tal erro não deve ser atribuído aos gravadores, pois se trata de uma deformação deliberada, que tinha como principal objetivo impedir a identificação incontroversa do símbolo⁵³. O é, caracteristicamente, a estenografia da comunicação visual, e onde quer que seja usado, canaliza uma grande energia informativa do criador para o seu público. Pascal Arnaud afirma que, na representação contida no reverso, podemos encontrar as mais diversas ordenações dos símbolos como monumentos, divindades, objetos ou criaturas simbólicas. Tanto, que os temas religiosos foram constantes em todas as numárias romanas. As divindades ou objetos que são representadas, semideuses ou santos, emblemas religiosos (catálogo p. 117), cenas lendárias, sagradas escrituras, fatos de culto⁵⁴.

Podemos destacar os seguintes tipos monetários que tratam deste tema: imperador navegando (7 peças), podendo ser associada com os tipos

⁵³ ARNAUD, Pascal . *op. cit.*, p. 138.

⁵⁴ MARQUES, Mario Gomes. *Op. cit.*, p. 127.

militares, pois Constâncio é representado em uniforme militar. O imperador, acompanhado com dois observadores (6 peças), novamente representado com o uniforme e o cristograma. Dois observadores ou prisioneiros, gravados em tamanho menor, acompanham a imagem imperial. Constâncio, representado em pé, com o lábaro na mão esquerda e o globo na direita (7 peças). E por último, a representação do altar com a Clemência (duas peças).

2.3.1 - Imperador Navegando

Nesta moeda, Constâncio está representado em uma embarcação, à esquerda do observador, com o lábaro na mão esquerda e o símbolo cristão acima do ombro esquerdo. De uniforme militar, o globo (símbolo do poder e do próprio império) à direita, acompanhado da fênix (catálogo p. 66). Segundo os catálogos consultados, principalmente o RIC e os organizados por Sears, Cohen e Sabatier, o imperador é observado pelo símbolo da Vitória, ajoelhada. Os principais exergos encontrados foram PARL (Arles), SMALA, SMALE (Alexandria), SMANEI, SMANAI (Antioquia), circundados pela inscrição FEL TEMP REPARATIO.

Segundo Roldán Hervás, esses “tipos falantes”, ampliam a ingênua propaganda econômica ou religiosa mediante a inclusão de imagens que pregam a riqueza da cidade ou de símbolos que se referem à divindade⁵⁵. Por exemplo, Sisico tem em muitas de suas amoedações, suas famosas pescarias representadas. Com o tempo e a perfeição crescente das acunhações, o pequeno disco monetário se converte em um verdadeiro campo artístico, onde:

“...todo o panteão olímpico é representado. Alexandre Magno estampa sua efigie no anverso de suas amoedações, com o símbolo de soberania.”⁵⁶

⁵⁵ ROLDÁN HERVÁS, J. M. *op. cit.*, p. 164.

⁵⁶ Idem *Ibidem* – *op. cit.*, p. 164.

Quanto ao anverso, não ocorrem maiores diferenças, a não ser na legenda DN CONSTANTIVS. O restante permanece como na maioria dos casos aqui citados, conforme o fichário-imagem organizado no catálogo.

2.3.2 - Imperador com dois observadores

Constâncio é de novo representado com uniforme militar e lábaro, com o cristograma na mão direita, sendo observado por duas figuras masculinas com as mãos voltadas para trás, segundo Cohen, prisioneiros amarrados em sinal de submissão⁵⁷. Logo acima de suas cabeças, aparece a letra N, como já citamos anteriormente muito comum nas cunhagens de Constâncio. Notamos novamente, no campo da moeda, a legenda FEL TEMP REPARATIO. Entre os principais exergos analisados, estão AQP* (Aquiléia), PARL, (Arles), ESIN (Siscia), ALE, SAMAN (Alexandria), SMAL, SMALA, SMANH, SMANS (Antioquia), TSA (Tessalônica), TRS (Treves), entre outras.

Esta imagem do reverso será reutilizada por Juliano durante os anos de 361 e 362.

No busto ocorre outra alteração significativa. A figura de Constâncio está voltada para a esquerda, com o globo na mão direita, junto com a letra N na nuca, direita do Observador (catálogo p. 115).

2.3.3 - Constâncio em Pé Acompanhado do Lábaro e do Globo

A legenda está com alguns dizeres apagados e até mesmo quebrados.

Mas é no reverso, porém, que ocorre a alteração mais significativa: a legenda SPES REIPVBLICE, acompanhada da representação de Constâncio, em pé, com o globo na mão direita, apoiado em uma lança à esquerda, com uniforme militar. Trata-se de uma alusão a temas considerados importantes para a tradição romana, como o Senado ou a República. Neste caso, destacamos os principais exergos e localidades como TES (Tessalônica), PCON (Arles) e SMAB (Sisico).

⁵⁷ COHEN, Henry. *Op. cit.*, p. 454.

2.3.4 – Altar

O busto, voltado para a direita do observador, encontra-se bem apagado, juntamente com a legenda (DN) FL CONSTANTIVS (AVG).

No reverso, além da legenda SECVRITAS REIP, semi-apagada, notamos a presença da *Clementia* (Clemência, misericórdia), figura ereta, apoiada em uma coluna, segurando o cetro (catálogo p. 122). Tornou-se, na propaganda romana, uma resposta automática a Vitória. Só foi possível identificar o exergo relacionado com a cidade de Roma R^{VS}.

2.4 – Moedas Simbólicas

Em toda a coleção só encontramos duas peças que puderam ser encaixadas neste tipo monetário.

A representação da fênix (catálogo p. 45), no reverso, está totalmente apagada. Mesmo assim podemos identificar um pedestal ou pedra, abaixo do pássaro, com uma auréola em volta da cabeça da ave. Na legenda repete-se o FEL TEMP REPARATIO. A idéia é a do ressurgir do império, na figura da fênix imortal que renasce das cinzas. Só foi possível localizarmos o exergo de uma das peças, pertencente à cidade de Tessalônica (TRP).

Conclusões sobre as moedas de Constâncio II no MHN

Mediante a análise de conteúdo que precede, concluímos que o tema mais presente nas moedas de Constâncio II está representado pelos tipos e subtipos militares, o que pode ser facilmente explicado. Durante o século IV, o exército tem uma função essencial no mundo romano. Além do perigo sassânida no Oriente e das invasões germânicas no Oriente, havia o medo das sublevações (as quais haviam sido tão frequentes durante a anarquia militar). Não podemos esquecer também que o próprio impera-

dor provém, antes de mais nada, das tropas: no Baixo Império, antes de ser um administrador, o César ou o Augusto precisa ser um chefe guerreiro. Não raro, generais foram aclamados pelos seus soldados, que lhes atribuíram o título de Augusto. O próprio Constâncio, ao falecer, estava a caminho da Gália para enfrentar Juliano, proclamado Augusto pelas tropas no Reno. Os fatores que impediram uma guerra civil foram a morte de Constâncio, atingido pela peste, e a aceitação do novo Augusto, Juliano, também pelo exército rival.

Razões como as mencionadas são mais do que suficientes para explicar o aumento da amoedação durante o período, bem como o caráter assumido pela iconografia monetária. É preciso pagar o exército, legitimar o poder de Constâncio II perante a tropa, homenagear ou favorecer uma determinada legião (catálogo p. 101), demonstrar a segurança do seu governo divulgando a construção de muralhas ou campos militares (catálogo p. 58), representar a sua vitória – a vitória de Roma – sobre um determinado inimigo (catálogo p. 62 e p. 74).

As moedas configuravam significados, mensagens, do emissor (Constâncio II) para seus governados. Continham símbolos que deveriam ser entendidos ou decifrados pelo receptor.

Considerações finais

Nosso trabalho consta de duas partes. A segunda, sendo como é um catálogo técnico de moedas, não necessita ocupar-nos aqui.

Na parte analítica – a primeira - nosso trabalho envolveu um conjunto de objetos, observado em torno de um núcleo: o papel da Numismática como uma forma de legitimação ideológica do poder, no contexto da continuação da política constantiniana, presente no seu sucessor, Constâncio II.

Lucien Febvre em sua obra, Combates pela História, deixa-nos claro como realizar este processo:

“...A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do

historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem...⁵⁶.

Consideramos o processo de construção do conhecimento histórico exatamente como uma construção. Não busca nenhuma verdade oculta ou algum fato desconhecido capaz de alterar o sentido da História até então conhecido. Também não nos propomos a construir um sentido mais próximo à realidade dos fatos do que o já instituído. Mas é necessário ressaltar que a visão processual acaba por estabelecer um certo monopólio de sentido e, qualquer que seja o caminho trilhado dentro dessa perspectiva, iguala-se àquele ao que se deseja opor em princípio.

Tentando dar um novo enfoque a essa visão estática e monolítica da construção histórica, pretendemos inserir nosso trabalho dentro de uma concepção que abandone os determinismos, atingindo assim o movimento inerente ao desdobramento dos acontecimentos históricos. O que temos em vista é desvendar o campo de possibilidades e, não, as relações de determinação. O importante é ter em mente que a construção do fato histórico e o trabalho com ele devem se dar de forma a dele extrair os mais diversos sentidos. Sem dúvida, neste processo de construção está embutido um diálogo entre o historiador e o conjunto de valores da época que é objeto de estudo.

É através desse diálogo que procuramos dar conta, limitadamente, das interações políticas que se processaram entre o governante, na figura de Constâncio II, e os governados. Uma legitimação do poder através das moedas encaradas como monumentos constituidores de um tipo específico de “texto”: um discurso que não é vazio, pois em cada leitura dos símbolos contidos no reverso das moedas encontramos uma diferente visão.

⁵⁶ FEBVRE, Lucien. Combates pela História. 2a. ed. Tradução de Leonor Marinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1985, p.249.

A análise realizada dos tipos monetários das peças de bronze que estudamos permitiu delinear algumas conclusões relativas aos objetivos propostos em nossa pesquisa.

A questão política, permeada de religiosidade e misticismo, manteve-se no reinado. O caso mais evidente de auto-afirmação política foi comprovado através da emissão de numerosas séries monetárias com representações da *victoria*, e mais geral, com os tipos militares. Por outro lado, as representações religiosas nas moedas que analisamos são tão importantes quanto as profanas, embora menos numerosas: havia um interesse de Constâncio II em propagar o cristianismo ariano, do qual era adepto.

A cunhagem monetária associada ao retrato e à propaganda configurava dois aspectos intimamente ligados em Roma. As moedas, por sua vez, associavam-se a um e a outro, também em forma muito íntima. Elas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação de documentos e eventos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na nossa compreensão das imagens que contêm.

Com freqüência, o tipo monetário de reverso mostra determinada representação. Ainda que o seu significado, indicado pela legenda que acompanha e pelo tipo do anverso, possa aparecer como uma interpretação original em relação ao modelo, muitas vezes tipos monetários e modelo têm o mesmo sentido.

Por isso os dois lados de uma moeda devem sempre ser observado com muita atenção, o que procuramos fazer, aqui, agrupando-as por tipos monetários, de modo a iluminar a complexidade do tema.

O estudo das moedas de bronze do acervo do MHN / RJ possibilitou-nos o levantamento de questões fundamentais, relativas à natureza do simbolismo e da propaganda existentes nas numárias da família constantiniana. Questões que, no entanto, não tivemos a oportunidade de analisar com mais profundidade. Desta forma, não pretendemos que os resultados a que chegamos em nosso trabalho sejam vistos como tendo um caráter definitivo e acabado. Isto se deve à própria natureza do material à nossa disposição. Inúmeros centros emissores são representados na coleção, vários centros monetários espalhados pelo Império Romano, não havendo quantidade suficiente de peças de um único local a ponto de possibilitar um estudo, ou um maior aprofundamento das questões suscitadas por uma série monetária.

Ressaltamos que este trabalho constitui para nós um ponto de partida para futuras investigações sobre as cunhagens romanas do quarto século cristão. Problemas não resolvidos aqui, os da vinculação detalhada das moedas com a vida econômica da população romana, a circulação monetária durante o período, poderão ser esclarecidos através de estudos minuciosos de séries monetárias mais complexas, análise dos tesouros monetários relacionados a contextos arqueológicos, relatórios de escavações destes sítios, as quais por enquanto, chegaram até nós unicamente em forma parcial, através de um ou outro resumo.

Estas questões são fundamentais para a compreensão das transformações ocorridas, não apenas durante a administração de Constâncio II, mas também durante o século IV visto em seu conjunto. Nesse caso, a Numismática conserva um fragmento da História do homem e, segundo Frère, "...se coloca hoje como uma disciplina científica através da qual podem ser estudados muitos aspectos de uma determinada sociedade...É uma ciência que tira da aridez do seu estudo grandes subsídios históricos"⁵⁹.

Agradecimentos

Este estudo retoma as considerações da dissertação de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Ciro Flamarion Santana Cardoso, na UFF, a quem agradeço especialmente. Devo mencionar, ainda, o apoio dos seguintes estudiosos: Maria Beatriz Borba Florenzano, Pedro Paulo A. Funari, Rejane Maria Lobo Vieira, Eliane Rose Nery, Vera Lúcia Tostes, Gracilda Alves. A pesquisa não seria possível sem o apoio institucional do Museu Histórico Nacional, do CNPq, Ministério de Educación, Cultura y Deporte da Espanha, cuja bolsa para estágio na Espanha foi fundamental e, na fase de preparação do capítulo, ao Núcleo de Estudos Estratégicos da UNICAMP e à CAPES. O trabalho não seria possível sem o apoio dos meus familiares, em particular da minha esposa Edinéa.

⁵⁹ FRÈRE, Hubert. *Op. cit.*, p. 11.

Catálogo de moedas de bronze de Constâncio II no MHN

Abreviaturas e observações

MHN Museu Histórico Nacional

g Grama

mm Milímetros

S Soberbo – moedas que não sofreram corrosões evidentes.

B Belo – moedas com poucos vestígios de circulação.

MBC Muito Bem Conservada – alguns detalhes começam a desaparecer.

BC Bem Conservada – moedas perderam alguns detalhes do desenho.

R Regular – vários elementos tipológicos estão deteriorados.

MC Mal Conservada – desenhos sofreram grandes alterações, identificação só é possível com a comparação com outras moedas homólogas.

RIC Roman Imperial Coinage

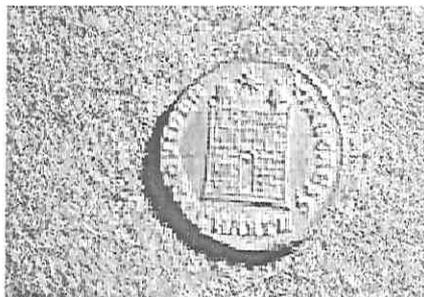
Identificação da moeda:

Número de ordem: 1

Denominação: AE 3

Ano / Local: segundo Sears, cunhada entre os anos de 324-337 em Antioquia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IVL CONSTANTIVS NOB C

Reverso: PROVIDENTIAE CAESS* / SMANTH

Descrição e decodificação da iconografia:

Partes das legendas encontram-se apagadas, mas o busto e a representação do reverso estão nítidos.

No anverso aparece a imagem de Constâncio, seu nome (*Flavio Júlio Constâncio*) e título (*Nobilíssimo César*). Face voltada para a esquerda. Poucas peças analisadas têm a efígie voltada a esquerda, grande maioria está voltada para a direita. O lado esquerdo da moeda encontra-se levemente apagado. No reverso, aparece uma representação de uma construção, fortaleza ou catedral, com duas torres, e uma estrela logo acima. No exergo o local de cunhagem: Antioquia. Segundo Cohen seria parte de um campo militar aberto. Gomes Marques acrescenta que, tanto as peças de Constâncio II como a de seu pai, Constantino, são as que melhor representam os temas que envolvem as construções.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.01mm, peso de 2.17g, alto reverso 11 horas.

Existem 17 variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

Apesar de Sears indicar a numeração do RIC, essa referência não foi encontrada no catálogo do RIC.

Bibliografia:

Sears, n. 3983, p. 336.

Cohen, n. 166, p. 465.

Marques, p. 133

Número da Coleção do MHN, 172.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 2

Denominação: AE 3

Ano / Local: segundo Sears, cunhada entre os anos de 324-337 em Cizico.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IVL CONSTANTIVS NOB C

Reverso: PROVIDENTIAE CAESS */ SMK•

Descrição e decodificação da iconografia:

Parte da legenda e da efígie encontram-se danificadas pela ação do tempo. Mesmo assim foi possível identificarmos a peça (conforme ficha de número 1). Essa moeda é muito semelhante a anterior, inclusive nos símbolos. A grande variação fica por conta da casa de cunhagem, Cizico, o exergo SMK•, e o estado de conservação.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.9 mm, peso de 2.74g, alto reverso 11 horas.

Novamente, essa referência não foi encontrada no catálogo do RIC, apesar da citação feita por David Sears.

Bibliografia:

Sears, n. 3983, p. 336.

Cohen, n. 167, p. 465.

Número da Coleção do MHN, 179.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 3

Denominação: AE 3

Ano / Local: segundo Sears, cunhada entre os anos de 324-337 em Nicomédia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IVL CONSTANTIVS NOB C

Reverso: PROVIDENTIAE CAES */ SMNE.

Descrição e decodificação da iconografia:

Excelente visualização tanto do anverso quanto do reverso. No anverso, não foi incluído nessa amoedação o globo ao lado do busto. Mas os detalhes do cabelo, manto e diadema estão muito bem representados. O reverso ocorre uma pequena alteração em relação as outras variantes. Foi excluído um S do CAESS (ficha de número 1). O exergo SMNE, pertencente a cidade de Nicomédia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação belo (B), diâmetro de 1.9mm, peso de 3.70g, alto reverso 12 horas.

Novamente, essa referência não foi encontrada no catálogo do RIC, apesar da citação feita por David Sears. As outras peças referentes a este tema, não foram aqui representadas por não apresentarem alterações significativas, além do exergo. Foram cunhadas na Siscia, Roma, Antioquia, Heracleia, Nicomédia, Cizico.

Bibliografia:

Sears, n. 3983, p. 336.

Cohen, n. 165, p. 465.

Número da Coleção do MHN, 174.

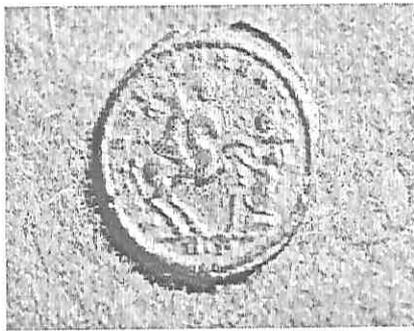
Identificação da moeda:

Número de ordem: 4

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: cunhada no ano de 350 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: GLORIA ROMANORVM / RT

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, a esquerda, seu nome (*Constâncio*) e título (*Augusto*). Um pouco gasta, ocorre a presença da letra N ao lado direito do retrato. O globo está ao lado do ombro direito. No reverso, um pouco danificado, a esquerda do observador, Constâncio é representado a cavalo, de armadura e lança,

derrotando um suplicante inimigo ajoelhado e com os braços levantados. Atrás da representação imperial, nota-se um dos símbolos das cunhagens de Constâncio, a letra N. Existe uma estrela sobre a cabeça do cavalo. Na parte de baixo, um escudo, caído a um solo inexistente. Local de cunhagem exposto no exergo: Roma. Segundo o corpo técnico do MHN, está é uma das moedas mais raras da coleção.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.45mm, peso de 4.53g, alto reverso 12 horas, Existe apenas mais uma variante desta peça na coleção, que está com o exergo ilegível.

Bibliografia:

Sears, n. 4006, p. 338.

Cohen, n. 140, p. 461.

RIC, n. 180, p. 263.

Número da Coleção do MHN, 29.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 5

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: cunhada no ano de 350 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG
Reverso: GLORIA ROMANORVM / RT

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, a direita, seu nome (*Constâncio*) ou pouco apagado e título (*Augusto*). Notamos a presença da letra A ao lado direito da efígie. Nesse caso o globo não foi encontrado. No reverso, um pouco danificado, a esquerda, Constâncio é representado a cavalo, de armadura e lança, derrotando um suplicante inimigo ajoelhado e com os braços levantados. Existe uma estrela ou fênix sobre a cabeça do cavalo, sendo difícil de distinguir porque a peça encontra-se um pouco danificada. Local de cunhagem exposto no exergo (R) T, Roma.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 2.5mm, peso de 4.53g, alto reverso 12 horas.

Existe apenas mais uma variante desta peça na coleção, que está com o exergo ilegível.

Em relação a ficha anterior, a característica principal é a alteração que ocorre no anverso desta peça, no busto do imperador e o globo.

Bibliografia:

Sears, n. 4006, p. 338.

Cohen, n. 140, p. 461.

RIC, n. 180, p. 263.

Número da Coleção do MHN, 30.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 6

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348-350 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEM REPARATIO / PARL

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, seu nome (*Constâncio*). Face voltada para a direita. O lado direito da moeda encontra-se pouco legível. No reverso, Constâncio em pé a esquerda. O símbolo cristão de Constantino, P, surge acima do ombro esquerdo do Imperador. Ele está de uniforme militar, com o *labarum* na mão esquerda, e um globo (símbolo do poder e do Império), a direita com o pássaro fênix acima do globo. A direita, a representação da Vitória, segundo Cohen, assiste, de joelhos, ao Imperador. No exergo nota-se as letras PA. O R e L encontram-se apagadas. Mesmo assim é possível identificar a casa de cunhagem: Arles.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.5mm, peso de 3.94g, alto reverso 6 horas.

Existem 6 variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

Bibliografia:

Sears, n. 4001, p. 337.

Cohen, n. 31, p. 445.

RIC, n. 109, p. 210.

Número da Coleção do MHN, 11.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 7

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: segundo Sears, cunhada entre os anos de 348 - 350 em Roma.

Anverso e reverso Anverso e reverso::



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CO(NSTAN)TIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO E / RP

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso encontramos o busto de Constâncio, voltada a direita, contendo as mesmas características da ficha anterior. No entanto, a ação do tempo tornou essa moeda com uma tonalidade diferente (esverdeada). O reverso nos mostra a figura do imperador “navegando” (em cima de uma balça ou barco), com o pássaro fênix na mão direita, acima do globo. O lábaro com o cristograma na mão esquerda sendo assistido pela Vitória. Alada. Diferentemente da anterior, onde não foi possível tal identificação. Também encontrada a presença da letra E, próxima ao joelho de Constâncio. O exergo, RP, pertencente a Roma.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.5mm, peso de 4,64g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4001, p. 337.

Cohen, n. 32, p. 445.
RIC, n. 107, p. 256.
Número da Coleção do MHN, 12..

Identificação da moeda:
Número de ordem: 8
Denominação: AE ½ centenionalis
Ano / Local: cunhada entre os anos de 348-350 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / RS

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso face do imperador voltada a direita, com o diadema de duas pontas, envergando a púrpura. A esquerda aparece a letra H (também comum nas cunhagens de Constâncio), circundada pela inscrição DN CONSTAN (a esquerda) TIVS PF AVG (direita). No reverso vemos a representação de Constâncio, com o uniforme militar, o lábaro com o cristograma a sua esquerda. A sua direita (esquerda do observador), notamos a fênix e um globo em sua mão, com a letra H logo abaixo. Assistido por uma imagem da Vitória, remando a embarcação na

qual se encontra o soberano. Segundo Roldán Hervás, era comum as cidades litorâneas cunharem moedas tendo um barco como modelo, principalmente nas regiões próximas ao mar de Mármara ou do Bósforo. Essa peça foi cunhada em Roma (exergo RS). Mas existem variantes de Constantinopla, Heracléia, Antioquia entre outras.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.3 mm, peso de 4.95g, alto reverso 6 horas,

Existem 7 variantes desta peça na coleção. Cunhadas em casas monetárias diferentes.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

Cohen, n. 32, p. 445.

Roldán Hervás, p. 167.

RIC, n. 107, p. 256.

Número da Coleção do MHN, 14.

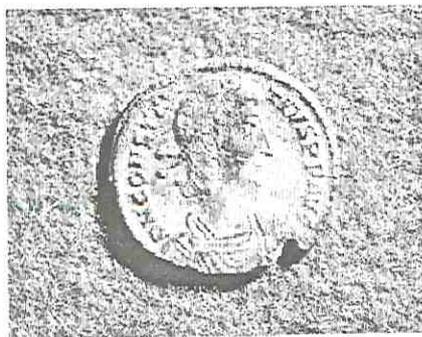
Identificação da moeda:

Número de ordem: 9

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348-350 em Tessalônica.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no averso:

Averso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEM REPARATIO • / * TSA

Descrição e decodificação da iconografia:

Apesar do busto encontrar-se corroído pela ação do tempo, tanto a legenda como a imagem do imperador pode ser identificada e associada com a figura de número 3. Mas, o retrato de Constâncio está representado de uma forma diferente das outras fichas analisadas (3, 4, 5). Provavelmente por iniciativa do próprio gravador. No reverso a iconografia é semelhante as anteriores (imperador, globo, fênix, lábaro com cristograma, embarcação, Vitória, remo), mas notamos a presença de novos símbolos e letras, como • e a estrela associada ao exergo * TSA, referente a cidade de Tessalônica.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 2.1mm, peso de 4.66g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4001, p. 337.

Cohen, n. 35, p. 446.

RIC, n. 112, p.412.

Número da Coleção do MHN, 26.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 10

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348-350 em Tessalônica.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTAN(TIVS PF AVG)

Reverso: FEL TEM (REPARATIO) * • / * TSA

Descrição e decodificação da iconografia:

O busto encontra-se raspado ao lado direito, juntamente com uma parte da legenda. Mesmo assim notamos uma grande semelhança com a representação da ficha anterior. Segundo o RIC, foram cunhadas numa mesma época e na mesma casa de amoeção (Tessalônica), como podemos identificar pelo exergo * TSA. A variação decorrente desta peça encontra-se no reverso acima da imagem da Vitória. Uma estrela, não localizada nas variantes anteriores. Os demais símbolos são os mesmos da ficha de número 6.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.05 mm, peso de 4,5g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4001, p. 337.

Cohen, n. 35, p. 447.

RIC, n. 109, p. 256.

Número da Coleção do MHN, 27.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 11

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 340-348 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / RQL

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, face voltada a direita do observador, com o diadema de duas pontas, o manto imperial preso aos ombros. Imagem nítida, mas a parte superior está faltando (quebrada), atingindo a legenda DN CONSTAN (TIVS PF) AVG. No reverso, a imagem representa um soldado ou legionário romano (ou o próprio imperador) derrotando um inimigo. Este pedindo misericórdia. Em outros exemplares notamos tratar-se de uma representação de um inimigo persa, pois o uniforme estava mais destacado. A riqueza dos detalhes, como escudo, a lança, a espada do vencido caindo ao solo, o escudo sendo pisoteado pelo vencedor demonstra a importância em destacar tal fato. Na legenda FEL TEMP (REPA) RATIO, e o exergo de uma das várias casas de cunhagens romanas RQL.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada(BC), de diâmetro de 1,3 mm, peso de 2.77g, alto reverso 10 horas,

Existem 68 variantes desta peça na coleção, dos mais variados centros monetários.

Não foi encontrado nenhuma referência sobre essa peça no catálogo de David Sears.

Bibliografia:

Cohen, n. 45, p. 447.

RIC, n. 137, p. 258.

Número da Coleção do MHN, 64.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 12

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 345-347, em Alexandria.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / ALEA Γ

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso notamos as mesmas alterações citadas na ficha anterior. Apenas os detalhes são mais específicos, como as três pontas do diadema e o manto. No reverso existem alguns pontos que devem ser citados. O símbolo Γ, encontrado nos exemplares referentes a Constâncio, e o exergo ALEA da cidade de Alexandria.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.8 mm, peso de 5.25g, alto reverso 10 horas.

Bibliografia:

Cohen, n. 45, p. 447.

RIC, n. 58, p. 542.

Número da Coleção do MHN, 3.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 13

Denominação: AE 2

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348-350, em Aquiléia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTAN(TIVS PF AVG) A

Reverso: FEL TEMP(REPARATIO) / AQ

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso, apesar da mesma representação e legenda das anteriores, o diadema aparece com apenas duas pontas, acompanhado da letra A. Enquanto que no reverso, além do exergo simbolizando a Aquiléia, também encontramos os símbolos * (identificado por Cohen e Aurnaud como uma estrela) e • (espécie de anel).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada(BC), de diâmetro de 2.3 mm, peso de 4.75g, alto reverso 5 horas.

Bibliografia:

Arnaud, p. 198.

Cohen, n. 47, p. 447.

RIC, n. 101, p.323.

Número da Coleção do MHN, 4.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 14

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada no ano de 342, em Nicomédia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO Γ / SMNA

Descrição e decodificação da iconografia:

As mesmas representações da ficha anterior estão presentes, tanto no anverso quanto no reverso. O símbolo Γ também está presente. A diferença nesse caso é o exergo SMNA, da cidade de Nicomédia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2.2 mm, peso de 6.01 g, alto reverso 12 horas.

Bibliografia:

Cohen, n. 44, p. 447.

RIC, n. 67, p. 476.

Número da Coleção do MHN, 18.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 15

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 351, em Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / CONS

Descrição e decodificação da iconografia:

As mesmas representações da ficha anterior estão presentes, tanto no anverso quanto no reverso. Não encontramos a presença do símbolo Γ, embora as anotações do MHN citá-la. A diferença nesse caso é o exergo CONS, da cidade de Constantinopla.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 2.8 mm, peso de 3.13 g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Cohen, n. 47, p. 447.

RIC, n. 84, p. 454.

Número da Coleção do MHN, 6.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 16

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 350, em Tessalônica.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

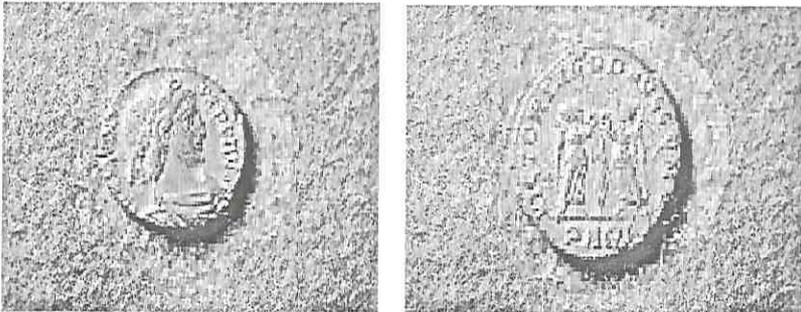
Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG A

Reverso: FEL TEMP REPARATIO A / TSE

Descrição e decodificação da iconografia:

As mesmas representações da ficha anterior estão presentes, tanto no anverso quanto no reverso. A variante aqui é justamente o símbolo encontrado, A, no anverso atrás da nuca de Constâncio, e no reverso, ao lado da lança (a esquerda).

Exergo também variou, TSE, Tessalônica.
Observações: Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 2.3 mm, peso de 3.86 g, alto reverso 12 horas.
Bibliografia: Cohen, n. 45, p. 446. RIC, n. 117, p. 412. Número da Coleção do MHN, 28.

Identificação da moeda: Número de ordem: 17 Denominação: AR Siliqua Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Arles.
Anverso e reverso: 
Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso: Anverso: CONSTANTIVS PF AVG Reverso: VICTORIAE DD AVGGQ NN / PARL
Descrição e decodificação da iconografia: No anverso aparece o busto de Constâncio, seu nome (<i>Constâncio</i>) e título (<i>Augusto</i>). Face voltada para a direita, com o diadema e a púrpura. Segundo Gomes Marques, Frère, Orlandoni e Brunn, a representação do diadema imperial nas moedas era muito comum nas cunhagens orientais. Inscrições pouco nítidas. No

reverso, a imagem de dois símbolos da Vitória Romana (uma de frente para outra), com elmo, escudo, segurando um objeto nas mãos. A base, no exergo, encontra-se PARL, Arles. Inscrições pouco legíveis. Segundo Cohen, pode ser encontrada em outras variantes uma coroa, palma, estrela, dentro do campo. E ainda os monogramas C,D,F,M,P,S,T,HR,MA,ME. Em alguns casos a Vitória é representada de forma alada, como analisaremos mais tarde.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1.42 mm, peso de 1.46g, alto reverso 12 horas,

Existem 51 variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

Cohen, n. 291, p. 484.

RIC, n. p. 208.

Marques, p. 117.

Frère, p. 83.

Orlandoni, p. 124.

Número da Coleção do MHN, 208.

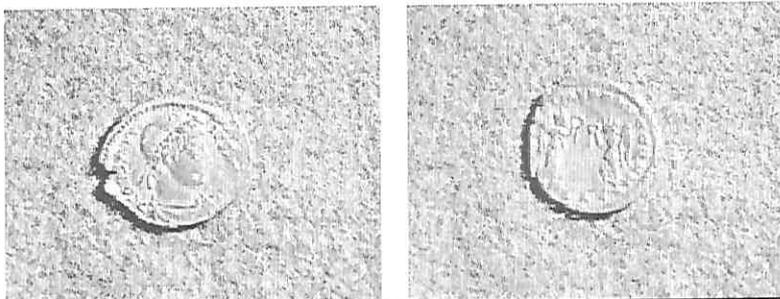
Identificação da moeda:

Número de ordem: 18

Denominação: AR Siliqua

Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Aquiléia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONSTANTIVS (PF AVG)

Reverso: VICTORIAE DD AV (GGQ NN) / AQP

Descrição e decodificação da iconografia:

A grande característica dessas peças são a sua pequena circunferência (como podemos observar no próximo item). No anverso tanto o busto como a legenda possuem uma grande semelhança com a ficha anterior. A fisionomia de Constantino que aparece de forma diferente. No reverso a representação (duas Vitóriarias com duas coroas de louros) é a mesma da ficha de número 8, apesar do lado direito encontrar-se danificado. A variação significativa é justamente o exergo AQP referente a Aquiléia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1.07 mm, peso de 1.74g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

Cohen, n. 293, p. 484.

RIC, n 76. p. 322.

Número da Coleção do MHN, 203.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 19

Denominação: AR Siliqua

Ano / Local: cunhada entre 340-348 na Siscia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (CONST) ANTIVS PF AVG

Reverso: (VICTO)RIAE DD AV GGQ NN / ASIS

Descrição e decodificação da iconografia:

O estado de conservação dessa moeda é bem superior as anteriores (fichas 8 e 9). Podemos notar o busto de Constâncio, a direita, com o diadema e o manto (preso por uma capa). O lado esquerda encontra-se quebrado. No reverso duas Vitórias, aladas, segurando duas coroas de louros. Apesar de estar danificado a esquerda, a legenda apresenta-se legível. O exergo ASIS, referente a Siscia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.06 mm, peso de 1.39 g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

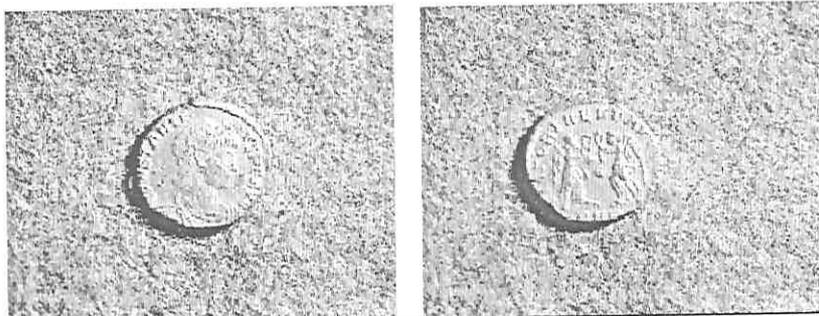
Cohen, n. 294, p. 484.

RIC, n 182. p. 363.

Número da Coleção do MHN, 204.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 20
Denominação: AR Siliqua
Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: (VIC)TORIAE DD AV (GGQ NN) / PAR(L)

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso encontramos as mesmas características das fichas anteriormente retratadas, a parte superior da moeda tem uma pequena falha. Embora tenha sido amoedada, teoricamente, na mesma casa de cunhagem da ficha de número 8 (identificada pelo exergo PAR, o L não foi localizado pois a peça está quebrada), notamos a presença da letra G no reverso, entre as duas Vitórias aladas com os louros em suas mãos.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.06 mm, peso de 1.96g, alto reverso 12 horas,

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

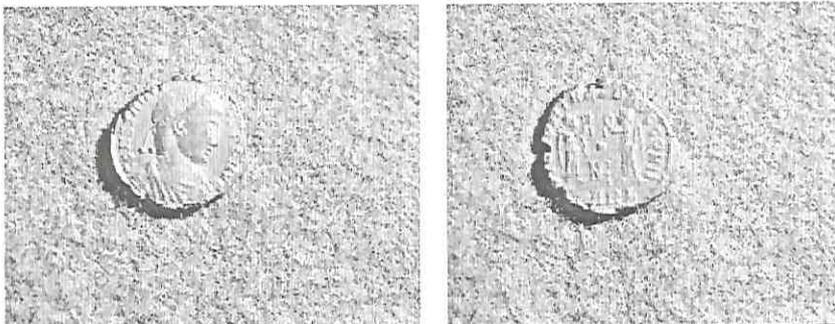
Cohen, n. 294, p. 484.

RIC, n 72. p. 208.

Número da Coleção do MHN, 203.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 21
Denominação: AR Siliqua
Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONTA(NTIVS) PF AVG

Reverso: (VICTORIAE) DD AV GGQ NN NP / (P)ARL

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso encontram-se algumas partes gastas, faltando letras da legenda. Assim mesmo, é possível a identificação do busto e suas características, sendo uma das variantes da ficha de número 8. No entanto, o que chamou a nossa atenção, foram as letras N e P (sobrepostas, conforme a imagem logo acima). Este foi um dos poucos exemplares com esses símbolos encontrados na coleção. O exergo (letra P apagada) ARL, novamente pertencente a cidade de Arles.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1.06 mm, peso de 2.03g, alto reverso 12 horas.

Existe outra peça com todas as características, inclusive o exergo, citadas acima. Mas encontra-se num estado precário.

A grande maioria dessas peças presentes na coleção do MHN foi cunhada em Arles.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

Cohen, n. 296, p. 484.

RIC, n 76. p. 209.

Número da Coleção do MHN, 215.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 22
Denominação: AR Siliqua
Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Aquiléia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONSTA(NTIVS) PF AVG

Reverso: VICTORIAE DD AV GGQ NN / AQS

Descrição e decodificação da iconografia:

O anverso apresenta-se corroído pela ação do tempo, mas conseguimos identificar, tanto na legenda quanto no próprio retrato monetário, o busto de Constâncio seguido pelo nome e título da legenda (ficha de número 8). Os símbolos monetários do reverso encontram-se em melhor estado do que no anverso. As duas Vitórias, aladas com duas coroas de louros nas mãos, a legenda VICTORIAE DD AVGGQ NN também está nítida. No exergo AQS, referente a cidade de Aquiléia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.08 mm, peso de 1.2g, alto reverso 6 horas.

Notamos que, segundo o RIC e comparando com a coleção do MHN, ocorreu uma grande emissão destas peças entre os anos de 340 e 348, não só de Arles como também da Aquiléia.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

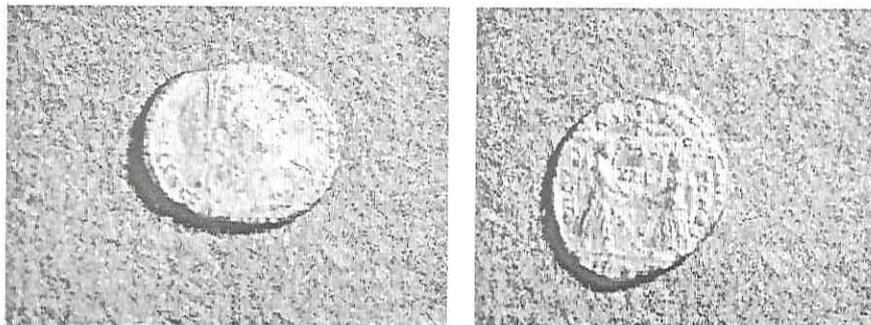
Cohen, n. 299, p. 484.

RIC, n 76. p. 322.

Número da Coleção do MHN, 217.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 23
Denominação: AR Siliqua
Ano / Local: indeterminado

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (CONSTANTIVS) PF AVG

Reverso: VICTORIAE DD AV GGQ NN /

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso o busto de Constâncio, juntamente com as inscrições, encontra-se apagado, mas ainda é possível a identificação. O que torna essa peça diferente das outras, é justamente o reverso. Encontramos, como nas demais, as duas Vitórias com elmo e escudo, segurando um *voto*. Nesse caso identificamos duas mensagens na mesma moeda. Uma referente a Vitória, outra ao *voto XX XXX*, conforme analisaremos nas peças laudatórias ou *votivas*. Logo acima, no centro da peça notamos a presença de uma coroa. Infelizmente o enxergo encontra-se totalmente apagado, sendo impossível indicar o local de amoedação.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação mal conservada (MC), de diâmetro de 2.25 mm, peso de 3.93 g, alto reverso 1 hora.

Essa peça é maior e mais pesada que as outras variantes do símbolo da Vitória. É a única moeda existente no MHN onde estão relacionados os *votos* e a Vitória.

Nós a selecionamos como tipo militar segundo o catálogo de Henry Cohen.

Não encontramos esse exemplar no Sears.

Segundo o RIC, os *votos XX* e *XXX*, são referentes a Constâncio II, enquanto que

os X e XX referem-se a Constante.

Bibliografia:

Cohen, n. 293, p. 484.

RIC, N. 69, P. 409.

Número da Coleção do MHN, 205.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 24

Denominação: AR Siliqua

Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Tessalônica.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: VICTORIAE DD AV GGQ NN E / T•S

Descrição e decodificação da iconografia:

Nessa peça podemos identificar, de uma maneira geral, as representações e as legendas por se encontrarem em melhor estado que as anteriores. O anverso, o busto do imperador não sofre maiores alterações que nas fichas anteriores. No reverso, além do exergo T•S, (Tessalônica), existe a presença da letra E entre as duas Vitórias.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1.04 mm, peso de 1.79 g, alto reverso 11 horas.
Como na ficha de número 13, essa peça foi cunhada no mesmo ano.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

Cohen, n. 300, p. 484.

RIC, n 140. p. 148.

Número da Coleção do MHN, 225.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 25

Denominação: AR Siliqua

Ano / Local: cunhada entre 347-348 em Tessalônica.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (CONS)TANTIVS (PF AVG)

Reverso: VICTORIAE DD (AV GGQ NN) ó / TES

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso encontra-se apagado, onde só podemos identificar a parte da cabeça do busto de Constâncio. O reverso, bem mais nítido, as duas Vitórias, com os louros e o símbolo ó (muito parecido com um coração). Novamente o exergo é referente a Tessalônica (TES).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.04 mm, peso de 1.52 g, alto reverso 6 horas.
Como na ficha anterior, essa peça foi cunhada no mesmo ano.

Bibliografia:

Sears, n. 3997, p. 337.

Cohen, n. 301, p. 484.

RIC, n 99. p. 411.

Número da Coleção do MHN, 224.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 26

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada entre os anos de 337-340 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: GLORIA EXERCITVS / PAR

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso, face voltada a direita, diadema com duas pontas, não aparece o manto com os cordões. Na legenda DN CONSTANTIVS PF AVG, circundando o busto imperial. No reverso dois soldados, armados de armadura, com as cabeças voltadas para o centro, onde, acima do estandarte notamos a presença do algarismo I (provavelmente representando alguma legião romana). A legenda de-

monstra a importância do exército no quarto século, GLORIA EXERCITVS. No exergo identificamos as iniciais PAR, pertencente a Arles. As duas últimas letras do exergo estão danificadas.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada(MBC), de diâmetro de 1,5 mm, peso de 1,61g, alto reverso 12 horas, Existem 50 variantes, desta peça na coleção. Mas ocorre uma diferença quanto ao símbolo localizado no lábaro. Nesta peça identificamos o I (única na coleção). Em outras localizamos o Y, O, P. Estas vertentes serão analisadas posteriormente.

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 93, p. 455.

RIC, n. 53, p. 206.

Número da Coleção do MHN, 113.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 27

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada após o ano de 337 em Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (DN CONSTANTIVS) PF AVG

Reverso: GLORIA EXERC(ITVS) / CONST

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso, busto a direita, as inscrições a esquerda encontram-se quebradas, mesmo assim foi possível identificarmos o manto preso a uma capa. No reverso dois soldados, com suas respectivas lanças, montando guarda a um estandarte (ao centro). Nesse estandarte encontramos um símbolo semelhante a uma meia lua. Exergo referente a Constantinopla.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada(BC), de diâmetro de 1,06 mm, peso de 1,50g, alto reverso 12 horas,

Segundo o RIC, essa moeda faz parte de uma cunhagem especial em homenagem a Constantinopla.

Não encontramos, no RIC, o exergo CONST (e sim CONSA ou CONSP). Por isso seguimos a classificação realizada por Henry Cohen

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 102, p. 455.

RIC, n. 23, p. 449.

Número da Coleção do MHN, 100.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 28

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada no ano de 340 em Lion.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (DN) CONSTANTIVS (PF AVG)

Reverso: (GLORIA E)XERCITVS / PLG ☽

Descrição e decodificação da iconografia:

O busto do imperador à direita, com diadema e o manto (conforme a anterior). No reverso notamos algumas variações não encontradas em outras peças. O exergo PLG ☽, com a lua crescente segundo Cohen, pertencente a Lion, um dos poucos exemplares da coleção, e no estandarte o V, ao centro, cercado por dois soldados.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada(BC), de diâmetro de 1,5 mm, peso de 1,48g, alto reverso 6 horas,

O ano de cunhagem, 340 (como na grande maioria dessas peças), coincide com o ano em que Constantino II invade a Itália e é derrotado pelo irmão, Constante. Provavelmente Constâncio aumentou a amoedação para preparar o seu exército para alguma intervenção, se necessário.

O exergo que localizamos no RIC (citado na bibliografia) não apresenta a lua crescente (☽)

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 100, p. 455.

RIC, n. 13, p. 178.

Número da Coleção do MHN, 114.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 29

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada no ano de 340 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: (GLORIA E)XERCITVS G / PARL

Descrição e decodificação da iconografia:

Ocorre uma variação no anverso em relação às fichas anteriores. Nesse caso não foi incluído, na legenda, o DN. Busto de Constâncio à direita, com o manto. Acima da cabeça da imagem, encontramos uma espécie de círculo que compõe o diadema. No reverso, novamente os dois soldados voltados para o estandarte, onde localizamos o G. O exergo PARL, referente a Arles.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1,5 mm, peso de 1,50g, alto reverso 12 horas
Existem mais quatro exemplares dessa peça no MHN, semelhante em todos os detalhes (exergo, iconografia, símbolos).
Segundo Cohen, em algumas variantes desse tipo monetário, além do G, pode vir acompanhado do cristograma.

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 103, p. 455.

RIC, n. 56, p. 206.

Número da Coleção do MHN, 108.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 30

Denominação: AE 4

Ano / Local: anterior a setembro de 337, em Arles ou Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: GLORIA EXER(CITVS) O / SCONS

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso localizamos uma alteração significativa. Além da legenda referente ao nome e título de Constâncio (FL IV CONSTANTIVS NOB C), o busto é representado pela imagem do imperador com uniforme militar, comum nas cunhagens com essa titulação (coleção do MHN). O reverso ocorre poucas alterações. Além do exergo (ver observações), o símbolo O, encontra-se ao centro da peça, cercado pelos dois soldados.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1,5 mm, peso de 1,96 g, alto reverso 6 horas.

Não conseguimos localizar no RIC o exergo SCONS. O mais próximo que chegamos foi PCONST, acompanhado do símbolo (ou letra) O (RIC n. 1 p. 205, referente a Arles), e CONS (RIC n. 23 p. 449) com a letra grega ω . Mas o ano da cunhagem, entre setembro 337 e 340, não coincide com a legenda apresentada no anverso. Por isso achamos melhor excluir a citação do RIC da bibliografia.

Bibliografia

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 92, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 129.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 31

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada no ano de 340 provavelmente em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: IMP CONSTANTIVS AVG

Reverso: (GLORIA EXERCITVS) O / SCONS•

Descrição e decodificação da iconografia:

Única peça da coleção do MHN com a legenda IMP CONSTANTIVS AVG no anverso. Busto de Constantino a direita, com manto preso ao pescoço. O reverso repete a mesma iconografia, com os símbolos, que a ficha anterior.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1,27 mm, peso de 1,95 g, alto reverso 12 horas

Não encontramos nenhuma referência a essa peça no Cohen. No RIC n. 1 p. 205, existe uma citação sobre as representações e legendas desta moeda. Mas novamente o exergo é diferente (PCONST), e não identificamos o •.

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Número da Coleção do MHN, 130.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 32

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada entre os anos de 337 (setembro) e 340, provavelmente em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS AVG

Reverso: GLORI(A E)XERCITVS X / SCON

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto a direita, com as mesmas características da ficha anterior. No exergo, os soldados “guardam” o estandarte com o numeral X, única peça com esse símbolo na coleção do MHN.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1,04 mm, peso de 1,69 g, alto reverso 12 horas.

Encontramos citações tanto da legenda do anverso, quanto ao X do reverso, no RIC n. 44 p. 206. Novamente o exergo não foi identificado, pois no RIC é PCON e não SCON. Geralmente nas cunhagens realizadas em Constantinopla, a inicial é a letra C. Em Arles o C é sempre a Segunda letra.

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 89, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 128.

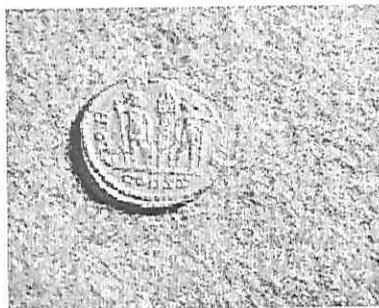
Identificação da moeda:

Número de ordem: 33

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhagem anterior a maio de 337 em Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB (C)

Reverso: GLORIA (EXERCITV)S O / CONSS

Descrição e decodificação da iconografia:

Ocorre uma variação no anverso em relação as fichas anteriores. O título existente na legenda (AVG) da maioria das peças, é substituído pelo de *Nobilíssimo César*. O busto permanece a direita, com o manto e não uniforme militar. Reverso notamos que os dois soldados estão com os seus respectivos elmos, de guarda ao estandarte com o símbolo O acima. Exergo CONSS proveniente de Constantinopla.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1,5 mm, peso de 1,50g, alto reverso 12 horas

Novamente não encontramos nenhuma citação no RIC sobre as legendas do anverso. O símbolo O e o exergo CONS estão identificados na página 448. Nesse caso a moeda aparece com um S a mais.

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 101, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 99.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 34

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada entre os anos de 337 e 347 em Antioquia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: CONSTANTIVS AVG

Reverso: GLORIA EXERCITVS • / SMANH

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso de Constâncio, com o manto e o diadema (conforme a ficha anterior). No reverso encontramos a mesma representação dos dois soldados e o estandarte ao centro. A variação aqui encontrada é o símbolo •, que indica a oficina em que a moeda foi cunhada. O estandarte também aparece de uma forma diferente dos anteriores, mais bem trabalhado. O exergo SMANH referente a cidade de Antioquia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1,07 mm, peso de 0,99g, alto reverso 6 horas
Das 259 moedas analisadas, essa é a de menor peso.

Bibliografia:

Sears, n. 3998, p. 337.

Cohen, n. 97, p. 455.

RIC, n. 40, p. 515.

Número da Coleção do MHN, 138.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 35

Denominação: AE ½

Ano / Local: cunhada antes de maio de 337 em Alexandria.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: GLORIA EXERCITVS / SMALA

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso o busto de Constâncio, aparentemente bem mais jovem que outras representações, ostentando uniforme militar, à direita, com diadema. No reverso dois soldados, com elmo, de uniforme, com suas lanças e um objeto semelhante a uma corda ao lado, guardam dois estandartes ao centro. Exergo referente a Alexandria.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1,2 mm, peso de 2,22 g, alto reverso 12 horas.

O RIC na página 539 cita a iconografia gravada no exergo, como a casa de amoeação. Mas o anverso não foi identificado pelo volume do RIC. Por esse motivo achamos por bem em não citá-lo na bibliografia.

Bibliografia:

Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 104, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 131.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 36

Denominação: AE ½

Ano / Local: cunhagem anterior ao ano de 337 em Antioquia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: (GLORIA E)XERCITVS / SMANT

Descrição e decodificação da iconografia:

Apesar de serem as mesmas representações da ficha anterior, ocorre uma variação no anverso. Foi gravada apenas o busto de Constâncio, sem manto ou uniforme. No reverso a mesma iconografia da peça anterior. Alterações apenas no exergo SMANT de Antioquia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1,06 mm, peso de 1,49g, alto reverso 12 horas

Notamos que todas as peças do MHN com NOB C na legenda do anverso não constam do catálogo do RIC.

Bibliografia:

Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 103, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 136.

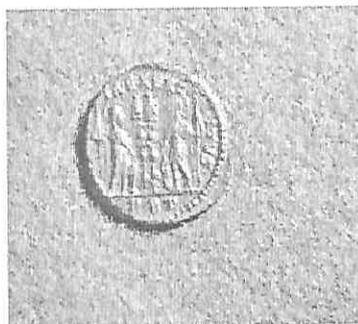
Identificação da moeda:

Número de ordem: 37

Denominação: AE ½

Ano / Local: cunhagem anterior ao ano de 337 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: (GLORIA) EXERCITVS / RP •

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso o busto imperial, a direita, mas com manto preso por uma capa, em substituição do uniforme militar. O reverso identificamos a mesma da ficha anterior, modificando apenas o exergo RP, referente a Roma, acompanhado da letra grega •.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1,7 mm, peso de 2,27 g, alto reverso 12 horas.

Notamos que todas as peças do MHN com NOB C na legenda do anverso não constam do catálogo do RIC. Mas na página 257, existe uma citação sobre o reverso desta moeda.

Bibliografia:

Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 109, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 117.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 38

Denominação: AE ½

Ano / Local: cunhagem anterior ao ano de 337 em Lion.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: (GLORIA E)XERCITVS / PLG

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto de Constâncio a direita, com uniforme militar. No reverso dois soldados com dois lábaros, que, segundo Cohen são insígnias militares. O cristograma existente, novamente segundo o próprio Cohen, não foi encontrado. Exergo referente a Lion (PLC).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1,06 mm, peso de 1,49g, alto reverso 12 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 100, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 115.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 39

Denominação: AE ½

Ano / Local: cunhagem anterior ao ano de 337 em Nicomédia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: GLORIA EXERCITVS / SMTS •

Descrição e decodificação da iconografia:

Novamente o busto de Constâncio, de armadura, a direita, um pouco raspado pela ação do tempo. No reverso notamos novamente a presença da letra •, acompanhada do exergo referente a cidade de Nicomédia. A iconografia é a mesma da anterior.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1,95 mm, peso de 1,2g, alto reverso 6 horas.

Segundo Cohen, entre as insígnias pode aparecer uma estrela, ferradura ou uma cruz.

Bibliografia:

Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 105, p. 456.

Número da Coleção do MHN, 155.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 40

Denominação: AE ½

Ano / Local: cunhagem anterior ao ano de 337 em Cizico

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Reverso: (GLORIA E)XERCITVS / SMKA

Descrição e decodificação da iconografia:

Este exemplar está num ótimo estado de conservação. Todos os detalhes estão muito bem representados. O anverso o busto de Constâncio, uniforme e legenda bem visível. O reverso os dois soldados protegendo os dois estandartes, armados, com elmos e armaduras. A única alteração significativa é o próprio exergo SMKA, de Cizico.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1,4 mm, peso de 2,42 g, alto reverso 6 horas.

Resolvemos destacar esta peça para o fichário-imagem pelo seu estado de conservação. Visualizando esta moeda podemos ter uma idéia do grau de importância dada pelo emissor.

Bibliografia:

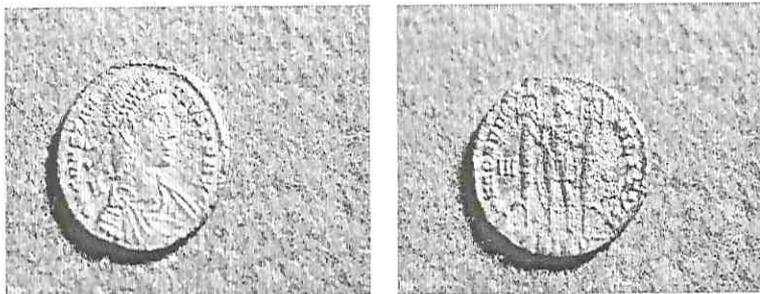
Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 106, p. 455.

Número da Coleção do MHN, 148.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 41
Denominação: AE centenionalis
Ano / Local: Indeterminado

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (DN CON)STANTIVS PF AVG

Reverso: CONCORDIA MILITVM III /

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, voltada a direita do observador, seu nome (*Constâncio*) e título (*Augusto*), (DN CON) STANTIVS PF AVG. Um pouco gasta, ocorre a presença da letra H ao lado esquerdo da efigie, junto do manto imperial. Reverso, o imperador de uniforme militar, com dois lábaros (um de cada lado), ambos com o cristograma. Ao lado do lábaro (esquerdo do observador), notamos o algarismo III. A legenda encontra-se apagada, mas ainda foi possível identificá-la CONCORDIA MILITVM. O exergo, totalmente destruído, sendo impossível identificar com clareza o local da emissão. Segundo os especialistas já citados nas fichas anteriores, pode tratar-se de alguma cidade da parte oriental do império, pois encontramos uma estrela localizada acima da cabeça de Constâncio. A ficha existente no MHN acrescenta a sigla ASIS, derivação de asiático, não encontrado.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 2,9 mm, peso de 3.70g, alto reverso 11 horas,

Único exemplar existente no MHN.

Tanto no RIC como no catálogo de David Sears não encontramos nenhum dado sobre essa moeda.

Bibliografia:

Cohen, n. 41, p. 446.

Número da Coleção do MHN, 2.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 42

Denominação: AE 4

Ano / Local: cunhada entre os anos de 355 e 360 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (DN) CONSTANTIVS (PF) AVG

Reverso: SPES REIPVBLICE / PCON

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, a direita do observador, apesar da nitidez da figura imperial, algumas partes da legenda encontram-se faltando. O lado direito da peça está quebrado, sendo difícil encontrar maiores detalhes. O reverso apresenta problemas semelhantes para a identificação. Notamos a presença de Constâncio em pé, com o globo na mão direita, com o uniforme militar, um estandarte na mão esquerda. O exergo PCON, referente a Arles. A própria imagem do imperador associado ao globo, segundo Nieto Soria corresponde a uma exaltação a figura do monarca, como da própria política imperial.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular(R), de diâmetro de 1,6 mm, peso de 1,73g, alto reverso 6 horas,

Existem mais seis exemplares desta moeda (dando um total de sete). A grande maioria encontra-se num estado de conservação bem inferior (como poderemos notar nas fichas de número 43, 44).

Bibliografia:

Sears, n. 4011, p. 338.

Cohen, n. 188, p. 468.

Nieto Soria, p. 21.

RIC, n. 275, p. 224.

Número da Coleção do MHN, 185.

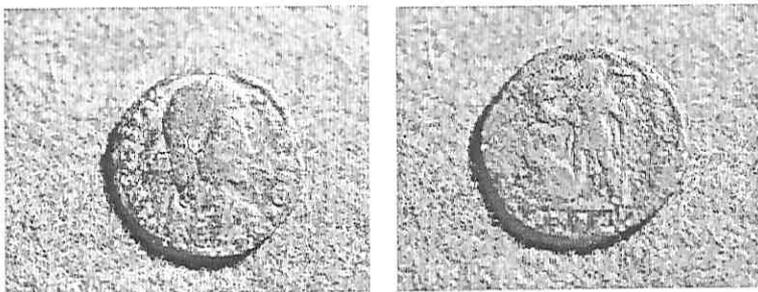
Identificação da moeda:

Número de ordem: 43

Denominação: AE 4 siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 355 e 361 em Tessalônica.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (DN) CONSTANTIVS PF (AVG)

Reverso: (SPES) (REI) PVBLI (CE) / (TES)

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso encontra-se apagado. Mesmo assim foi possível identificar a efígie voltada a direita do observador. A parte de baixo da moeda encontra-se quebrada. No exergo só foi possível identificarmos uma espécie de vulto da imagem de Constâncio e os símbolos citados na ficha de número 14. As legendas e o exergo encontram-se totalmente apagados. Segundo o corpo técnico do MHN, que usou como base o catálogo de Henry Cohen, a sigla do exergo seria TES, pertencente a Tessalônica.

Observações:

Peça de bronze, mal conservada (MC), 1,5 mm de diâmetro, peso de 1,70g, alto reverso 10 horas,

Bibliografia:

Sears, n. 4011, p. 338.

Cohen, n. 186, p. 468.

RIC, n. 207, p. 421.

Número da Coleção do MHN, 184.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 44

Denominação: AE

Ano / Local: cunhada no ano de 350 em Císico.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: (DN) (CONSTANTIVS) PF AVG

Reverso: (SPES) (REIPVBLICE) / SMAB

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso notamos as mesmas inscrições das fichas de número 43 e 44, só que bem mais gastas. Inclusive a legenda não está legível. A variação do reverso é justamente no local da amoedação identificado no exergo SMAB, Císico. Alguns detalhes estão mais nítidos que os anteriores, como podemos destacar o uniforme militar, e o formato do globo na mão direita e o elmo sobre a cabeça da imagem.

Observações:

Peça de bronze, mal conservada (MC), com o diâmetro de 1,35 mm, peso de 2,30g, alto reverso 7 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4011, p. 338.

Cohen, n. 189, p. 468.

RIC, n. 180, p. 263.

Número da Coleção do MHN, 186.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 45

Denominação: AE centenialis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 350, em Tréves.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / TRP

Descrição e decodificação da iconografia:

O anverso encontra-se em ótimo estado. O busto de Constâncio aparece nítido, representando o imperador mais jovem do que em outras emissões, com o diadema de duas pontas e o manto. A representação do reverso, pela sua singularidade, chamou a nossa atenção. A figura de uma fênix sobre um pedestal ou rocha (segundo o RIC), tendo a sua cabeça circundada por uma auréola (capítulo dois p.) ou estrela, para indicar a sua natureza celeste. Tanto a auréola como a fênix tem um significado especial. A fênix, segundo os relatos de Heródoto e Plutarco, é um pássaro mítico, etíope dotado de extraordinária longevidade, que tem o poder, depois de se consumir numa fogueira, de renascer das cinzas. Aparecendo os aspectos simbólicos: ressurreição e imortalidade. No exergo TRP, referente a Tréves (Trier).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MCB), de diâmetro de 1,07 mm, peso de 2.38g, alto reverso 12 horas,

Existe apenas mais uma variante desta peça na coleção, que está com o exergo ilegível. Segundo o corpo técnico do MHN, o exergo também é referente a Trier

(TRP). Nós não elaboramos outra ficha representando esta moeda por ela estar em péssimas condições.

Cohen utiliza a grafia francesa, Trèves. Já o RIC a grafia alemã, Trier.

Bibliografia:

Sears, n. 4002, p. 337.

Chevalier e Gheerbrant, p. 422.

Cohen, n. 58, p. 448.

RIC, n. 144, p. 258.

Número da Coleção do MHN, 85.

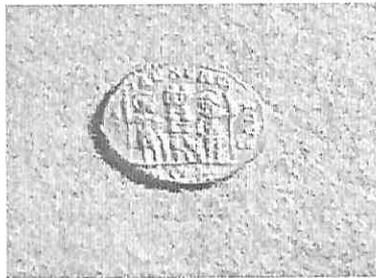
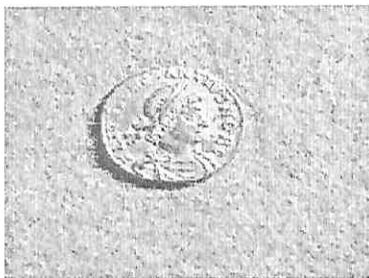
Identificação da moeda:

Número de ordem: 46

Denominação: AE $\frac{3}{4}$

Ano / Local: segundo o RIC, cunhada entre os anos de 337 e 340, na Siscia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: FL IVL CONSTANTIVS NOB C

Reverso: GLORIA EXERCITVS / ASIS

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso o busto de Constâncio, à direita do observador, parece representá-lo mais jovem que as anteriores. Esta afirmação pode ser explicada analisando a própria legenda NOB C (*Nobilíssimo César*), acompanhada das iniciais do seu nome FL IVL (*Flávio Júlio*), conforme a ficha de número 1, cunhada no período

em que Constâncio exercia a função de César. A peça pode também ser identificada com *couraçada*, pois o retrato monetário vem acompanhado de uma armadura e não do manto como nos anteriores. No reverso notamos a presença de dois soldados, mas acompanhado de dois lábaros ao invés de um, com um símbolo acima, difícil de ser identificado por causa do estado da moeda. A legenda, GLORIA EXERCITVS, faz alusão à importância militar e política das legiões. Não raro, muitos imperadores foram aclamados pelas tropas durante o século IV. Ambos os soldados estão acompanhados de uma lança cada. Exergo referente a Siscia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada(MBC), de diâmetro de 1.5 mm, peso de 2.23g, alto reverso 6 horas,

As variantes desta peça, num total de 23, sofrem algumas modificações, principalmente no anverso (busto) e os símbolos encontrados nos lábaros serão interpretados nas próximas fichas.

Quanto ao ano de amodação, nos parece improvável a data citada no RIC. Constâncio foi César de 324 a 337, não haveria necessidade de cunhar moedas com a legenda NOB C, se já estivesse exercendo a função de Augusto. Outro detalhe por nós identificado foi que o RIC, p. 348, cita nas legendas do anverso, Constâncio como Augusto, não fazendo alusão as cunhagens realizadas antes de 337. Por esse motivo achamos por bem não incluir na bibliografia a página do RIC.

Bibliografia:

Sears, n. 3986, p. 336.

Cohen, n. 104, p. 456.

Número da Coleção do MHN, 96.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 47

Denominação: AR siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 347-348 em Antioquia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: VOT XX MVLT XXX / AN

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, seu nome (*Constâncio*) e título (*Augusto*). Face voltada para a direita. O diadema aparece bem mais trabalhado, o cabelo mais comprido que o habitual. No reverso são encontrados votos de confiança, de fidelidade do povo ao seu governante. Neste caso, a inscrição significa que: “votamos por 20 anos depois por mais 30”. Surgiram durante o governo de Maximiano (286-305). São mais simples, por isso chamadas de VOTIVAS ou “populares”. No campo, coroa de louros cercando o voto. No exterior e concêntricos com a coroa, dois círculos, sendo em geral, o exterior de maior largura. Analisaremos, em outras fichas, moedas votivas com votos diferentes. No exergo, AN, pertencente a cidade de Antioquia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação soberba(S), de diâmetro de 1.05 mm, peso de 1.75g, alto reverso 12 horas.

Existem 18 variantes desta peça na coleção, cunhadas em diferentes casas monetárias.

Bibliografia:

Sears, 3996, p. 337.

Cohen, n. 335, p. 492.

RIC, n. 105, p. 521.

Número da Coleção do MHN, 226.

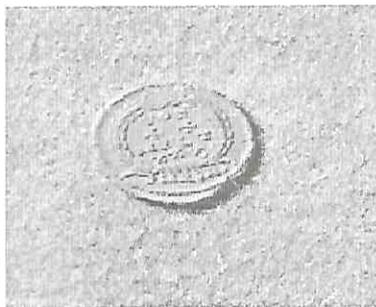
Identificação da moeda:

Número de ordem: 48

Denominação: AR siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 347-348 em Alexandria.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: VOT XX MVLT XXX / SMALA

Descrição e decodificação da iconografia:

Notamos no anverso o busto de Constâncio, apresentando os mesmos dizeres da anterior (apenas do pescoço para cima), não sendo possível identificarmos a sua indumentária. A representação do imperador encontra-se com uma fisionomia diferente das demais variantes. O reverso segue o esmo padrão da anterior. Os votos, a coroa de louros, estão presentes. A diferença aqui recai sobre o exergo SMALA, referente a Alexandria.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação soberba(S), de diâmetro de 1.05 mm, peso de 1.77 g, alto reverso 6 horas.

Além da semelhança do reverso, analisando o ano de amoeção (347-348), observamos um grande interesse do governante em cunhar uma grande quantidade de peças durante esse período, de acordo com o RIC.

Bibliografia:

Sears, 3996, p. 337.

Cohen, n. 336, p. 492.

RIC, n. 33, p. 541.

Número da Coleção do MHN, 234.

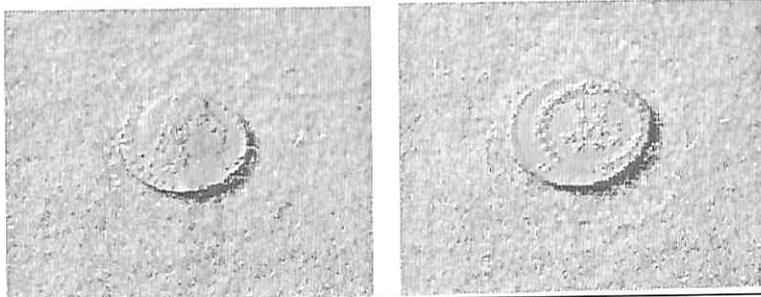
Identificação da moeda:

Número de ordem: 49

Denominação: AR siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 341-351 em Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTAN(TIVS PF AVG)

Reverso: VOT XX MVLTVS XXX / CONS

Descrição e decodificação da iconografia:

A representação de Constâncio no anverso está nítida, apesar de um pouco “gastada”, e a inscrição a direita da moeda estar faltando. Os demais detalhes foram identificados (conforme a ficha de número 48). No reverso não identificamos maiores detalhes (ficha de número 48) que já não tenham sido analisados. O exergo CON (o S está faltando), pertencente à Constantinopla.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 1.04 mm, peso de 1.40 g, alto relevo 12 horas.

Notamos que essas peças chamadas de “populares”, possuem uma circunferência irregular (oval), sendo mais leves e menores que os outros tipos monetários.

Bibliografia:

Sears, 3996, p. 337.

Cohen, n. 339, p. 492.

RIC, n. 69, p. 453.

Número da Coleção do MHN, 227.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 50

Denominação: AR siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 347-348 em Antioquia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CON(STA)NTIVS (PF AVG)

Reverso: VOT XX MVLTVSXXX / SMANS

Descrição e decodificação da iconografia:

O busto de Constâncio (sem a indumentária), a direita, drapedado como nas anteriores. Algumas inscrições estão apagadas. O mesmo reverso das anteriores, com o exergo SMANS, de Antioquia. A peça encontra-se com uma falha a direita.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.04 mm, peso de 1.46 g, alto reverso 5 horas.

Apesar do exergo ser referente a cidade de Antioquia, não identificamos o exergo SMANS com a peça acima analisada. Segundo o RIC, o exergo seria ANT ou SMANA.

8 das 17 moedas, com esta representação no reverso, foram cunhadas em Antioquia

Bibliografia:

Sears, 3996, p. 337.

Cohen, n. 336, p. 492.

RIC, n. 105, p. 520.

Número da Coleção do MHN, 237.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 51

Denominação: AR siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 353 e 355 em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: VOT XX MVLTV XXX / PAR

Descrição e decodificação da iconografia:

O anverso encontra-se totalmente apagado, notando apenas uma imagem sombria do imperador. No reverso a representação dos votos conforme a ficha de número 50. No exergo, um pouco apagado, conseguimos identificar a cidade de Arles como emissora.

Observações:

Peça de bronze, estado de regular (R), de diâmetro de 1.05 mm, peso de 1.26 g, alto reverso 12 horas

Bibliografia:

Sears, 3996, p. 337.

Cohen, n. 331, p. 492.

RIC, n. 204, p. 218.

Número da Coleção do MHN, 230.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 52

Denominação: AR siliqua

Ano / Local: cunhada entre os anos de 347-348 em Antioquia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: VOT XX MVLT XXX / SMANB

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso está um pouco apagado, mas foi possível identificarmos o busto de Constâncio e as inscrições (ficha de número 50). Reverso, um pouco escurecido pela ação do tempo, os votos e a coroa de louros estão nítidos. O exergo SAMANB, referente a Antioquia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.05 mm, peso de 1.77 g, alto reverso 6 horas.

Novamente não encontramos no RIC a peça referente ao enxergo, conforme já explicamos na ficha de número 50.

Seria bom ressaltar, que existe no MHN uma moeda cujo o reverso é VOT XV MVLT XX, único exemplar. Segundo Cohen, os exemplares dessa peça encontram-se no Museu da Dinamarca. Infelizmente não foi possível fotografar esse exemplar. Deixamos para outra oportunidade.

Todos os imperadores do século IV emitiram moedas com essa representação.

Bibliografia:

Sears, 3996, p. 337.

Cohen, n. 332, p. 492.

RIC, n. 115, p. 521.

Número da Coleção do MHN, 235.

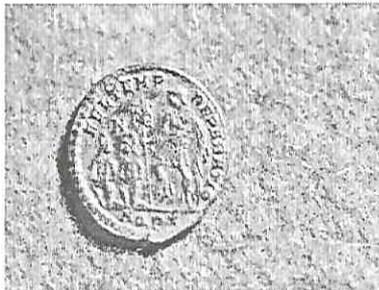
Identificação da moeda:

Número de ordem: 53

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 352-355, em Aquiléia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / AQP*

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso o busto do imperador encontra-se a esquerda. Na maioria dos casos analisados a imagem está voltada a direita do observador. Diadema de duas pontas a direita, acompanhado da letra N (comum em muitas cunhagens de Constâncio), perto da nuca. Na legenda DN CONSTAN, um pouco apagado, e VIVS PF AVG. Nota-se o globo a esquerda, juntamente com o manto imperial. No reverso, a imagem encontra-se bem mais nítida. Representa Constâncio em pé, com uniforme militar, portando o lábaro na mão direita, com o símbolo cristão (cristograma). Dois jovens, segundo Cohen, a esquerda, com um dos joelhos no chão, e mãos para trás (prisioneiros) olham-se entre si. Logo acima das suas

cabeças a letra N. Na legenda acima, FEL TEMP REPARATIO. No exergo notamos a identificação da cidade de Aquiléia (AQP*).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada(MBC), de diâmetro de 2.4 mm, peso de 3.79g, alto reverso 12 horas, Existem 21 variantes desta peça na coleção, cunhadas em diferentes casas monetárias.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

Cohen, n. 38, p. 446.

RIC, n. p. 334.

Número da Coleção do MHN, 5.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 54

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 351, em Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / CONSA

Descrição e decodificação da iconografia:

A peça encontra-se com um furo a esquerda. Tanto a imagem como as inscrições estão apagadas. Mas a identificação foi possível contendo os mesmos símbolos da ficha de número 53. No reverso, as representações são semelhantes a anterior, o grande destaque aqui é a casa de cunhagem, Constantinopla, segundo o próprio exergo CONSA.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 2.4 mm, peso de 3.21 g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

Cohen, n. 41, p. 446.

RIC, n.78 p. 453.

Número da Coleção do MHN, 6.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 55

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 350 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG N

Reverso: FEL TEMP REPARATIO N / R • P

Descrição e decodificação da iconografia:

Anverso o busto de Constâncio aparece a esquerda, com o globo na mão direita (altura do ombro), com o manto e diadema. A letra N a direita. No reverso o imperador, dois cativos (segundo Cohen e o RIC), novamente com a letra N, a esquerda. A direita da representação imperial, o lábaro com o cristograma (ficha de número 53). O exergo referente a Roma (R•P).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MCB), de diâmetro de 2.55 mm, peso de 3.28 g, alto reverso 9 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

Cohen, n. 51, p. 447.

RIC, n. 137, p. 258.

Número da Coleção do MHN, 13.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 56

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 350, em Arles.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / PARL

Descrição e decodificação da iconografia:

No averso estão representados os mesmos símbolos das fichas anteriores (53, 54, 55). Nesse caso o N não foi incluído, na amoedação, pelo artesão responsável. O reverso, um pouco danificado, os dois “inimigos” ou prisioneiros (segundo Cohen e o RIC), representados numa estatura menor do que a de Constâncio, estão com os braços voltados para trás. A imagem do imperador parece pisar na perna de um dos prisioneiros. (ficha de número 55). Os demais dados seguem os modelos anteriores (exceção do N). No exergo PARL, de Arles.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 2.5 mm, peso de 3.28 g, alto reverso 12 horas.

O RIC, Sears e o catálogo de Henry Cohen, estão de acordo ao identificarem as imagens menores com dois prisioneiros. Como o imperador é o centro do poder (globo no averso), ele é representado em uma maior estatura.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

Cohen, n. 50, p. 447.

RIC, n.104, p. 210.

Número da Coleção do MHN, 10.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 57

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 351 na cidade de Nicomédia.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no averso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / SNN•

Descrição e decodificação da iconografia:

Graças ao excelente estado de conservação dessa peça, conseguimos fazer uma análise mais detalhada, reafirmando o que foi identificado nas fichas citadas anteriormente. No anverso encontramos dois sinais no pescoço de Constâncio (provavelmente erro do cunho), o manto, a diadema, o globo e uma capa presa ao pescoço estão presentes. No reverso identificamos que os dois prisioneiros estão usando capacetes, e o imperador pisa em um deles. Além do uniforme militar, o cristograma e o lábaro, existe uma espécie de corda ou chicote na mão esquerda da figura imperial. Até o diadema encontra-se aqui representado no reverso. O exergo SMN acompanha a letra grega ϖ, referente a Nicomédia.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada(MBC), de diâmetro de 2.4 mm, peso de 4.16 g, alto reverso 5 horas.

O RIC não faz referência ao exergo aqui citado. No caso deste tipo monetário, o exergo apresentado é SMNA. A alusão para o exergo SMN• é, apenas, relacionado as moedas votivas.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

Cohen, n. 41, p. 446.

RIC, n. p. 334.

Número da Coleção do MHN, 20.

Identificação da moeda:

Número de ordem: 58

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 351 em Constantinopla.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / CONSA

Descrição e decodificação da iconografia:

Apesar desta peça estar com as representações apagadas, identificamos como variante das fichas anteriores. Principalmente da ficha de número 54 pois, ambas foram cunhadas em Constantinopla (exergo CONSA), num mesmo período e, segundo o RIC, na mesma oficina. Não foram indicados os símbolos comuns nas cunhagens de Constâncio (N, A, ●).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 2.8 mm, peso de 3.13 g, alto reverso 6 horas.

Bibliografia:

Sears, n. 4008, p. 338.

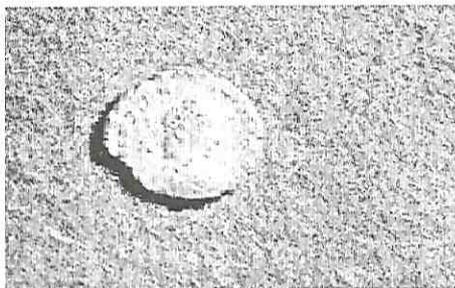
Cohen, n. 44, p. 446.

RIC, n.84, p. 454.

Número da Coleção do MHN, 7.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 59
Denominação: AE
Ano / Local: cunhada no ano de 340 em Roma.

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN FL CONSTANTIVS

Reverso: SECVRITAS REIP / RVS

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto drapedado de Constâncio, a direita. A legenda está totalmente apagada. Segundo o RIC, os dizeres da legenda vem acompanhada de AVG, não localizada na moeda. No reverso as inscrições estão pouco visíveis, notamos a presença da *Clementia*, com o cetro e o ramo, apoiada em uma coluna, sob um pedestal. No exergo, RVS, referente a Roma.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1.65 mm, peso de 1.97g, alto reverso 7 horas.

Existe mais uma variante desta peça na coleção, que se encontra com o exergo ilegível.

Não foi encontrado nenhum registro sobre essa variação monetária no catálogo de David Sears.

Bibliografia:

Cohen, n. 467, p. 182.

RIC, n. 9, p. 250.

Número da Coleção do MHN, 182.

Identificação da moeda:
Número de ordem: 60
Denominação: AE
Ano / Local: indeterminado

Anverso e reverso:



Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN FL CONSTANTIVS

Reverso: SECVRITAS REIP /

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, a direita, drapedado, com manto. A legenda apagada, mas foi possível identificar o nome do imperador (auxílio de uma lupa). Segundo o RIC, os dizeres da legenda vêm acompanhados de AVG, não localizados na moeda. No reverso as inscrições estão pouco visíveis, notamos a presença da *Clementia*, com o cetro e o ramo, apoiada em uma coluna, sob um pedestal (ficha anterior).

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação regular (R), de diâmetro de 1.4 mm, peso de 1.71g, alto reverso 12 horas.

Além de não encontrarmos referência desta moeda no Sears, o exergo está ilegível. Não sendo possível localizá-la no RIC.

No catálogo de Sabatier (na bibliografia final), encontram-se alusões sobre esta peça, só que está representada sem a lança.

Bibliografia:

Cohen, n. 467, p. 182.

Número da Coleção do MHN, 183.

I. FONTES

1.1- NUMISMÁTICA

Moedas de Constâncio II, Rio de Janeiro: acervo do Museu Histórico Nacional, Medalheiro de Número 8;
Lote Número: 26, Lâminas de Números: 2, 3, 4, 5, 6; Lote Número: 27, Lâminas de Números: 1,2,3,4,5,6; Lote Número: 28, Lâminas de Números: 1, 2, 3,4, 5, 6; Lote Número: 29, Lâminas de Números: 1, 2, 3; Dando um total de 259 peças.

1.2 – IMPRESSAS

- AMNIEM MARCELLIN. Historie. T.1, livros XIV A XVI. Traduzido por Guy Sabbah. Paris: Les Belles Lettres, 1970.
- CODEX TEHEODOSIANUS. Ed. P. Krueger, Berolini, Weidmannos, 1923.
- EUSEBIUS PAMPHILI, Bispo de Cesarea. Historia Eclesiástica. Tradução Luis M. de Cadiz. Buenos Aires: Editora Nova, 1950.
- EUTROPIUS, Flavius. Abrégé de L'Histoire Romaine. Traduction Nouvelle avec Introduction, notes, tables et index Maurice Rat. Paris: Garnier Frères, 1934.
- JULIANUS. Oeuvres Complètes. Paris: Societé d'édition "Les Belles Lettres", 1924-1932.
- JULIANO. Discursos. Traducción de José García Blanco. 5V. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1979.
- LACTÂNCIO. De Mortibus Persecutorum. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.
- SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. 3V. Paris: CLF Panckoucke, 1844.
- SÍMACO. Epistolarum. Symmachi praefectivrbi libri II. De Ambrosii Epistolae in Symmachum. Epistolarum Magni turci ad uarias gentes liber unus, a Laudino Equite Hierosolymitano latine redditus. Basiliae: Froben, 1549.

- VICTOR, Sextus Aurelius. Historiae Romane. Breviarium, illustratum, Caesarum e Augustorum, trium verorum celeberrimorum, Andrea Schotti, Dominici Machanei, Jani Gruteri, et femini praefantissime Anna Tonaquili. Rhenum: Apud. F. Halman, 1696.
- ZOSIME. Historiae Nouvelle. Teste établi et traduit par François Paschoud. Paris: Belle Lettres, 1971.

II. DICIONÁRIOS / ENCICLOPÉDIAS

- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.
- COHEN, Hernry. Description Historique des Monnaies Frappés Sous L'Empire Romain. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollin e Feu-ardent, Éditeurs, 1880-1892.
- COSTA, Ney Chrysostomo da. Dicionário de Numismática. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1969.
- DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- GREIMAS, Algirdas J. e COURTÉS, Joseph. Dicionário de Semiótica. Tradução de Alceu D. Lima, Diana L. P. de Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. Silva, Maria José C. Sembra, Tiekko Y. Miyazaki. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- LE GOFF, Jacques. Memória-História. In Enciclopédia Einaudi. V.1. Verbetes "História", "Memória", "Documento/Monumento", "Passado/Presente", "Idades Místicas", "Antigo/ Moderno", "Decadência". Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- SABATIER, J. Iconographie. D'Une Collection Choisie de Cinq Mille Médailles Romaines, Byzantines et Celtibériennes. Saint-Pétersbourg: Bellizard et C°, 1840.
- THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

III. BIBLIOGRAFIA

3.1 – ESPECÍFICA

- BARTHÉLEMY, A de. SCHLUMBERGER, G. BABELOU, E. (Dir.). Revue Numismatique. Quatrième Série. Tome Huitième. Paris: Chez C. Rollin et Feuardente, 1904.
- BASTIEN, Pierre. HUVELIN, Hélène. Trouvaille de Folles de la Période Constantienne (307-317). Belgique: Éditions Cultura Wetteren, 1969.
- BLOCH, Raymond e COUSIN, Jean. Roma e o Seu Destino. Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1964.
- BOUYON, B. Etudes de Gravure Monétaire. De l'Italie grecque archaïque à l'Europe du 17e siècle. Paris; Editions Moneta, 1998.
- BROWN, P. Genése de L'Antiquité Tardive. Paris: Gallimard, 1984.
- BROWN, P. O Fim do Mundo Clássico. De Marco Aurélio a Maomé. Tradução de Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.
- BRUUN, Patrick. Studies in Constantinian Numismatics. Papers from 1954 to 1988. Acta Instituti Romani Finlandiae. V. 12. Rome: Illus, 1991.
- BURNETT, Andrew. La Numismatique Romaine. Paris: Éditions Errance, 1987.
- BURY, J. H. The Christian Roman Empire and the Foundation of the Teutonic Kings Dons. In: THE CAMBRIDGE HISTORY OF MEDIEVAL POLITICAL THOUGHT. V.1 Planned by:. Cambridge: At the University Press, 1967.
- CALLY, Jean Pierre and BARRANDON, Jean Noel. L'Inflazione nel IV secolo (295-361). Società romane e Impero tardoantico. V. I. Istituzioni, ceti, economie. Rome - Bari: Editori Laterza, 1986.
- CORASSIN, Maria Luiza. Um Estudo sobre a História Augusta: A "Vita Alexandri Severi". São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983.
- DEPEYROT, G. Economie et Numismatique (284-491). Paris: Errance, 1987.
- DEPEYROT, G. Les Monnaies d'or de Constantin II à Zenon (337-491). Paris: Editions Moneta, 1996.
- DESSAU, Hermannus. (ed.). Inscriptiones Latinae Selectae. Berolini, Weidmannos, v.1, 1841, v.3, 1914.

- FERRIL, Ather. A Queda do Império Romano. A explicação militar. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. Cunhagens e Circulação Monetária na Magna Grécia e Sicília Durante a Expedição de Pirro (280-272 a.C.). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1986.
- FRÈRE, Hubert. Numismática. Uma Introdução aos Métodos e a Classificação. Tradução e Adaptação: Alain Costilhes e Maria Beatriz Florenzano. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1984.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Roma Vida Pública e Vida Privada. 4^a.ed. São Paulo: Atual, 1993.
- GIARDINA, Andrea. Società Romana e Impero Tardio Antico. V. 1. Igituhujoné, Ceti: Economie Lateira, 1986.
- HACQUARD, Georges e DAUTRY, J. Guide Romain Antique. Paris: Classiques Hachete, 1952.
- MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. Imagem e Ideologia nas Cunhagens de Teodósio I. In: PHOÏNIX, Revista do Laboratório de História Antiga – UFRJ. Ano IV. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- MARQUES, Mario Gomes. Introdução à Numismática. 1a. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.
- MARROU, Henri-Irénée. Décadence Romaine ou Antiqué Tardive? Paris: Seuil 1977.
- MATTINGLY, Harold. Monetary System of the Roman Empire from Diocletian to Theodosius I. V. 6. London: Numismatic Chronicle, 1946.
- MAURICE, J. Numismatique Constantinienne. Parigi: Arnaldo Forni Editore, 1908.
- MAZZARINO, Santo. O Fim do Mundo Antigo. 1a. ed. Tradução de Peir Luigi Cabra. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.
- MENDES, Norma Musco. Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso. Rio de Janeiro: DPA, 2002.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. El Conflito Entre El Paganismo y El Cristianismo en El Siglo IV. Madri: Editorial, 1985.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. Ensayos de Historiografia Antigua y Moderna. México: FCE, 1993.
- ORLANDONI, Mario. Imitazioni di Monete Romane in Bronzo emesse fra il IV ed il V secolo. Rinvenute negli scavi archeologici in Valle d'Aosta. Ermanno A. Arslan Studia Dicata. V. 3. Milan: Edizioni Ennerre, 1991.

- PIGANIOL, André. História de Roma. Buenos Aires: Eudeba, 1971.
- RÉMONDON, Roger. La Crisis del Imperio Romano. De Marco Aurelio a Anastasio. Segunda Edición. Barcelona: Editorial Labor, 1973.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. Introducción a la Historia Antigua. Madrid: Ediciones Istmo, 1975.
- SEARS, David R. Roman Coins and Their Values. 4th Revised Edition. London: Seaby Publications Ltd, 1988.
- SILVA, Gilvan Ventura da. Interesses Subjacentes e Interesses Manifestos no Contexto das Usurpações Romanas (284-395). In: PHOÏNIX 1995, Revista do Laboratório de História Antiga – UFRJ. Ano I. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
- SUTHERLANDS, C.H.V. ROBINSON, E.S.G. The Numismatic Chronicle. And Journal of the Royal Numismatic Society. V. 16. London: The Royal Numismatic Society, 1956.
- TRETERUM, Thomas. Romanorum Imperatorum Effigies. Elogiis ex diversis scriptoribus. Romae: Apud Franciscum Coattinum, 1592.
- VEYNE, Paul (Org.). História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil. Tradução de Hildegard Feist. 5a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VIEIRA, Rejane Maria Lobo. A Imagem do Rei e do Reino de Portugal Através das Moedas de D. Fernando (1367-1383). Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 1994.
- WINKES, Rolf (orientação). Retratos e Propaganda. Faces de Roma. Brasília: Divisão de Impressão e Publicações do Banco Central do Brasil, s/d.
- ZANKER, Paul. Augusto y el Poder de las Imágenes. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

3.2 – TEÓRICO-METODOLÓGICA

- ARENAS, José Fernández. Teoria y Metodologia de la Historia del Arte. Barcelona: Editorial Anthropos, 1984.
- ARNAUD, Pascal. Le Commentaire de Documents en Histoire Ancienne. Paris: Belin Sup, S/D.
- BRAUDEL, Fernand. (org.). O Mediterrâneo, Os Homens e a Herança. Tradução de Teresa Meneses. Lisboa: Editorial Teorema, 1987.

- BURKE, Peter. A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989). 2a. ed. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion S. e VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASSIRE, E. Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CORVISIER, Jean Nicolas. Sources et Méthodes en Histoire Ancienne. pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FEBVRE, Lucien. Combates pela História. 2a. ed. Tradução de Leonro Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1985.
- FINLEY, M. I. Uso e Abuso da História. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FLOR, Fernando R. de La. Emblemas Lectures de La Imagem Simbólica. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 3a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GINZBURG, Carlo. A Micro-História e outros ensaios. Tradução de Antônio Narino. Lisboa: Difel, 1989.
- HOOK, Sidney. O Herói na História. Tradução de Iracilda Damasceno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LASSWELL, Harold D. et alii (org). Language of Politics. Studies in quantitative semantics. Cambridge (Mass.): Massachusetts Institute of Technology Press, 1965.
- LE GOFF, Jacques., CHARTIER, R., REVEL, J. (Dir.) A Nova História. Coimbra: Almedina, 1990.
- MORLEY, Neville. Writing Ancient History. New York: Cornell University Press Ithaca, 1999.

- NIETO SORIA, Jose Manuel. Ceremonias de La Realeza. Propaganda y Legitimacion en La Castilla Trastámara. Madrid: Editorial Nerea, 1993.
- REMY, J. et alii (org.). Méthodes D'Analyse de Contenu. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1990.
- SAMARAN, Charles. (Dir.). L'Histoire et ses Méthodes. Encyclopédie de la Pléiade. Paris: Editions Gallimard, 1961.
- SINGER, Charles. HOLMYARD, E. J. HALL, A. R. and WILLIAMS, Trevor I. A History of Technology. The mediterranean civilizations and the middle ages c. 700 B.C. To c. A.D. 1500. Oxford: At The Clarendon Press, 1956.
- TOPOLSKY, Jerzy. Metodologia de la História. 2a. ed. Madri: Cátedra, 1985.
- TOUCHARD, Jean (dir). História das Idéias Políticas. V.1. Tradução de Mário Braga. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.